

THORZINHO

Revista Literária

ISSN 3086-3961

Volume I – Núm. 04 – 03 de maio de 2026



ENSAIOS

**ENTRE CIÊNCIA E CULTURA: A DESANCORAGEM
EPISTEMOLÓGICA E AS LIÇÕES DA CRIPTOZOOLOGIA
PARA A ZOOLOGIA CULTURAL**

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

PÁGINA 47



Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Thorzinho nasce e permanece como um gesto de amor e responsabilidade diante da vida que muitas vezes não é ouvida. Existem seres que sentem, sofrem e amam, mas que não conseguem se expressar com palavras, e é justamente por eles que seguimos firmes em nossa caminhada. Este editorial é um agradecimento profundo àqueles que acreditam que a literatura pode, sim, transformar o mundo em um lugar melhor para os animais e para o meio ambiente.

Aos nossos colaboradores, deixamos nossa mais sincera gratidão. Vocês escrevem movidos por algo maior do que a estética: escrevem por consciência, por empatia, por compromisso com a vida. Cada texto e cada poema publicado carrega um chamado silencioso à humanidade, um convite para que olhemos com mais atenção para os animais, para sua dor muitas vezes invisível e para sua dignidade constantemente ignorada. É essa força sensível que sustenta a Thorzinho e a torna um espaço verdadeiro de resistência e de cuidado.

Aos nossos leitores, nosso carinho e reconhecimento. Vocês leem com atenção, com respeito e com afeto, e isso se revela nos comentários deixados em nossas redes sociais, onde afirmam que a Thorzinho é uma revista necessária e cuidadosa. Essa devolutiva nos fortalece, pois mostra que não estamos sozinhos. Há uma rede de pessoas dispostas a enxergar, a se sensibilizar e a agir. Vocês são parte essencial desse movimento que cresce e se espalha.

Vivemos em um mundo onde os maus-tratos aos animais ainda acontecem de forma visível, mas também de maneira silenciosa e naturalizada, escondida nos hábitos cotidianos e na falta de consciência coletiva. A Revista Thorzinho se coloca como um ponto de apoio, um espaço de denúncia e também de reflexão, onde essas realidades podem ser expostas sem medo e com responsabilidade. Ao dar visibilidade a essas questões, contribuímos para que mais pessoas despertem para a urgência de mudar.

Nosso compromisso é com a construção de um mundo mais justo, mais sensível e mais digno para todos os seres vivos. Acreditamos que a literatura tem um papel fundamental nesse processo, pois toca o coração, amplia o olhar e provoca transformações que muitas vezes começam de forma silenciosa, mas se tornam profundas e duradouras. Seguiremos, portanto, escrevendo e publicando com esse propósito, confiando que cada palavra pode ser uma semente de mudança.

A Thorzinho continua sendo esse lugar de encontro entre a dor que precisa ser revelada e a esperança que precisa ser cultivada. Um espaço onde o amor pelos animais se transforma em ação, em consciência e em luta por um mundo onde eles possam viver com mais respeito, proteção e dignidade. Seguimos juntos, acreditando que cuidar dos animais é também cuidar do futuro e da própria essência humana.

Com carinho e gratidão,
Rosângela Trajano

Editora-chefe



Artigos

APRENDIZAGEM ASSISTIDA POR CÃES A PARTIR DA EDUCAÇÃO INFANTIL ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Dog-assisted learning from early childhood education to children with autistic spectrum disorder

Aprendizaje asistido con perros desde la educación temprana para niños con trastorno del espectro autista

Aline Araújo da Silva

Graduanda de Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense – UFF; Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura – GPECult, pela Universidade Federal Fluminense - UFF

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5434-6160>

E-mail: araujo_aline@id.uff.br

Janiara de Lima Medeiros

Doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestre em Educação (UFF), com Especialização em Psicopedagogia (ASSESPA); licenciada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UGF); membro dos grupos de pesquisa na UFF: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NuFiPE); Grupo Pesquisa Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento (GPETED) e; Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura – GPECult; Professora de Língua Portuguesa na graduação em Pedagogia da UFF.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8610-4728>

E-mail: jlmedeiros@id.uff.br

Silvana Matos Uhmman

Professora na área de Libras e Educação Inclusiva do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Pós-Graduação em Língua Brasileira de Sinais pela Unintese e Graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1182-3187>

E-mail: silvana_uhmann@id.uff.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir quanto ao acompanhamento de cães para auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) que, por meio da interação, pode contribuir dentre outros elementos, com sua acessibilidade de locomoção na vida cotidiana, seja para o lazer, a escola, a sociedade e a família. A pesquisa realizada indicou que o cão coterapeuta contribui ao estímulo comportamental por meio da orientação no controle dos sentimentos característicos desse transtorno, além do companheirismo e da afetividade que incorporarão às atividades de aprendizagem rotineiras desse público. Dessa forma, será contextualizada a metodologia do estudo bibliográfico e de campo, delineando os possíveis recursos e estratégias de apoio para a criança com TEA, a fim de minimizar sua dificuldade do convívio social ao criar situações de interação de forma positiva e prazerosa, sem discriminação ou preconceito.

Palavras-chave: Inclusão. Linguagem. Transtorno do Espectro Autista (TEA). Desenvolvimento da aprendizagem. Educação Infantil.

Abstract

This article aims to clarify the treatment with dogs to assist in the process of treating Autism Spectrum Disorder (ASD), through interaction with children with ASD, contributing to their mobility accessibility in everyday life, whether for leisure, school, society and family. The research carried out indicated that the co-therapist dog contributes to the behavioral stimulation of this autistic person by guiding them in controlling the feelings characteristic of this disorder, in addition to the companionship and affection that they will incorporate into the routine learning activities of this audience. In this way, the methodology of the bibliographic and field study will be contextualized, outlining possible resources and support strategies for caring for children with this disability, how to minimize their difficulties in social interaction by creating situations of interaction in a positive and deserving way, but , without discrimination or prejudice.

Keywords: Inclusion. Language. Autism Spectrum Disorder (ASD). Development of learning. Child education.

Resumen

Este artículo pretende esclarecer el tratamiento con perros para ayudar en el proceso de tratamiento del Trastorno del Espectro Autista (TEA), a través de la interacción con niños con TEA, contribuyendo a su accesibilidad a la movilidad en la vida cotidiana, ya sea para el ocio, la escuela, la sociedad y la familia. La investigación realizada indicó que el perro coterapeuta contribuye a la estimulación conductual de esta persona autista orientándolo en el control de los sentimientos característicos de este trastorno, además del compañerismo y cariño que incorporará a las actividades rutinarias de aprendizaje de este. audiencia. De esta manera, se contextualizará la metodología del estudio bibliográfico y de campo, delineando posibles recursos y estrategias de apoyo para el cuidado de niños con esta discapacidad, cómo minimizar sus dificultades en la interacción social creando situaciones de interacción de manera positiva y meritoria, pero, sin discriminación ni prejuicios.

Palabras clave: Inclusión. Idioma. Trastorno del Espectro Autista (TEA). Desarrollo del aprendizaje. Educación Infantil.

Introdução

Este artigo científico visa refletir quanto a participação dos cães em todo processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), levando em consideração os meios e ferramentas que são necessárias de acesso ao lazer, social, à escola e à família, tornando a acessibilidade mais tranquila para esse público.

Será apresentada a forma de como o animal cão, enquanto coterapeuta, poderá auxiliar a criança com TEA nos ambientes sociais de convívio, motivando-a e estimulando-a no desenvolvimento da locomoção, da interação nos estudos, da relação com a família e em outros grupos. O animal será seu companheiro de

afetividade e, desta forma, um agente motivacional.

Na gestão brasileira e no mundo foi necessário o amparo da legislação para o acesso das pessoas com deficiências? De quem é a responsabilidade de acesso do público à inclusão? Como relacionar o TEA na inclusão e o animal cão? Desta forma, a formalização institucional será apresentada a partir da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988); percorrendo a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA (BRASIL, 2012), o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) e os fundamentos para trabalhar o TEA na contemporaneidade, no intuito de apresentar a acessibilidade dessas pessoas e o auxílio do cão coterapeuta.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar a inclusão do TEA por meio do auxílio do cão terapeuta como estratégia motivacional para essas pessoas. Especificamente, objetiva-se com este trabalho desenvolver reflexões necessárias para que o animal auxilie de maneira companheira e afetiva à motivação da pessoa com TEA, além de identificar o papel da relação criança-cão coterapeuta para a aprendizagem significativa.

Como desdobramento, os objetivos específicos buscarão: a) apresentar ferramentas necessárias do auxílio do animal sobre o companheirismo e a afetividade que vai trazer mais motivação para a criança com Transtorno do Espectro Autista; b) identificar o papel dessa relação para a aprendizagem significativa e; c) propor a metodologia utilizada dos resultados significativos nos aspectos da pesquisa de campo e bibliográfica capazes de responder de forma positiva o andamento de todo estudo pesquisado.

O combate à discriminação e ao preconceito historicamente presentes é desafiador. E, no que tange a Educação, conforme Medeiros (2017), deve direcionar à aprendizagem e ao desenvolvimento das potencialidades a fim de superar as maiores dificuldades da criança com TEA. Neste sentido, portanto, a ação do educador deve estar clara no sentido de inclusão e não meramente integração, como é observado em diversas instituições de ensino no Brasil. Assim, integrar x inserir também são categorias que merecem uma reflexão com intuito de combater discriminação e preconceitos. Barros e Uhmman (2022, p. 52) explicam:

Até a década de 60, os alunos público-alvo da Educação Especial vivenciavam o processo de segregação, no qual apenas frequentavam instituições de ensino em que outros alunos também desse público. Posteriormente, na década de 70, houve um movimento educacional para que os alunos passassem a ser “aceitos” nas escolas regulares. A partir daí esses alunos vivenciaram o que chamamos de integração, sendo o aluno responsável em se adaptar à escola e buscar aprender. A Inclusão começa a ser discutida apenas na década de 90, mais precisamente com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e o Movimento Educação Para Todos (UNESCO, 1990). Agora, quem precisa se adaptar é a escola e não o aluno, devendo organizar e desenvolver estratégias para promover a aprendizagem e desenvolvimento desses alunos. É chegada à conclusão de que cada criança deve ser respeitada em seus interesses, habilidades, singularidades.

Sendo assim, a motivação para o desenvolvimento deste artigo deu-se a partir das leituras críticas, reflexões e construções teóricas e práticas provocadas nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa – Conteúdo e Método, ministradas pela docente Janiara de Lima Medeiros, ofertada no Programa de graduação, da Universidade Federal Fluminense - UFF, no primeiro semestre do ano de 2023 para alunos do 4º período da graduação em Pedagogia. Assim, orientou-se à metodologia por meio da pesquisa bibliográfica, webgráfica

e de relatos de estudos de campo que a fim de contribuírem ao esclarecimento da proposta deste artigo, ampliando novos conhecimentos e perspectivas sobre a inclusão do aluno com TEA.

A inclusão, portanto, precisa ser contextualizada sob a acessibilidade na perspectiva do TEA com recursos e estratégias de apoio para o atendimento sem discriminação ou preconceito, que aqui em especial é pautada a partir do acompanhamento de cães.

Justificativa

Este trabalho justifica-se pela necessidade de apresentar esta forma de inclusão da criança com TEA no espaço familiar, lazer, social e escolar em sua interação com outros grupos, visando desenvolver sua intelectualidade, a autoconfiança, o raciocínio, a emoção, o cognitivo e a curiosidade das suas percepções, sem discriminação ou preconceito.

Por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, após o término da Segunda Grande Guerra, a Carta das Nações Unidas reafirma o compromisso das nações com os direitos humanos e liberdades fundamentais, surgindo à Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi aprovada na ONU. Nisso, segundo Mazzota (1996, p. 11) a Educação Especial é:

A modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens.

Nesse contexto é oportuno identificar e diferenciar conceitos que são centrais na área da Educação Especial e Inclusiva. Por Educação Especial compreende-se uma educação voltada às pessoas com deficiência, necessitando-se, para tanto, que o processo de ensino-aprendizagem busque dar conta das suas especificidades. Já o termo, Educação Inclusiva, parte da premissa que, se todos os alunos são diferentes, logo, cada uma precisa ser incluído conforme as suas características específicas. “Como o objetivo da educação inclusiva é uma sociedade para todos, onde cada um possa interagir e usufruir dela da melhor forma possível” (UHMANN, 2018, p.21-22), cabe refletir sobre o preconceito histórico e a necessidade de buscar estratégias que minimizem desigualdades, sejam de aprendizado, participação, inclusão.

Esta evolução conceitual é histórica e procura dar conta de cada entendimento acerca das pessoas com limitações física e/ou neurológicamente. Assim, o termo Pessoa com Deficiência foi adotado após ter sido definido pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência, aprovado em 13 de dezembro de 2006 pela Assembleia Geral da ONU, ratificado no Brasil (com equivalência de emenda constitucional, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008) e promulgado pelo Decreto nº 6.949/2009.

Retomando a questão conceitual, reforça-se que todo público infantil, jovem ou adulto, de pessoas com ou sem deficiências são diferentes. Dessa forma, se faz necessário uma Inclusão plena de direitos para todas as pessoas. O termo acessibilidade não se restringirá apenas ao atendimento prioritário às pessoas público-alvo da Educação Especial, muito menos irá se limitar aos aspectos arquitetônicos e urbanísticos. Desta forma, as questões da acessibilidade são amplas e referem-se às políticas públicas diversas como as de lazer, ou seja, a participação do cidadão em programas, projetos e ações de lazer, no exercício de seus direitos, conforme garantidos pela Constituição Federal de 1988.

No que tange a prática educativa, uma questão relevante é quanto a prática docente na qual oportuniza-

se também desenvolver a prática da ludicidade como uma forma prazerosa de aprendizagem, para estimular e reforçar os conteúdos que serão trabalhados com os alunos, bem como para desenvolver habilidades motoras e sensoriais. Reforça Kishimoto (2008, p.36):

Entendido como recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça, destinado a ensinar formas ou cores, nos brinquedos de tabuleiro que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas, 12 nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência, de tamanho e de forma, nos múltiplos brinquedos e brincadeiras, cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil.

Neste sentido é que este trabalho apresenta a inclusão do Transtorno do Espectro Autista e o auxílio do “cão coterapeuta” como estratégia motivacional para a criança com esse diagnóstico, corroborando com os autores Keinert & Antoniuk (2012, p.9), os quais explicam que o TEA:

(...) em todas as suas formas é, e sempre foi, um dos diagnósticos mais complexos que os profissionais se deparam em seus consultórios, como também um dos mais difíceis de ser comunicado aos pais, inclusive pela aceitação destes, pois trata-se de crianças com características físicas dentro dos padrões da “normalidade” (inclusive muito bonitas), e na maioria das vezes sem qualquer exame clínico comprobatório.

Sendo assim, a Educação Especial e Inclusiva precisa incorporar um somatório de recursos e estratégias de apoio para a acessibilidade que, estando à disposição de todas as pessoas que são público-alvo, também oferecem diferentes alternativas de atendimento. Conforme retrata Sasaki (1998, p. 8):

Educação inclusiva é o processo que ocorre em escolas de qualquer nível preparadas para propiciar um ensino de qualidade a todos os alunos independentemente de seus atributos pessoais, inteligências, estilos de aprendizagem e necessidades comuns ou especiais. A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de propiciar-lhe uma educação de qualidade. Na inclusão, as pessoas com deficiência estudam na escola que frequentariam se não fossem deficientes.

Contudo, é preciso ampliar o olhar para a inclusão e refletir o verdadeiro potencial e capacidade que esse público carrega em superar seus obstáculos. De acordo com Mantoan (2008, p.19):

A inclusão questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, já que prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular.

E, além da sala de aula, as pessoas com TEA necessitam vivenciar do lazer, o qual nem sempre faz

parte da vida dessas pessoas, pois algumas barreiras socioculturais podem existir entre diversas classes sociais (interclasses) ou dentro das próprias classes sociais (intraclasses), mostram-se como fatores limitantes a esse acesso.

De acordo com Medeiros (2021b), ao dialogar com a cultura da inclusão é fundamental que se reconheça as diferenças socioculturais e econômicas e, além disso, identificar os limites de acessibilidade ao lazer de certos indivíduos e grupos sociais, cabendo ao poder público minimizar tais diferenças e barreiras com o estabelecimento de políticas de lazer capazes de ampliar e diversificar as oportunidades, buscando a democratização do acesso a vivência cultural.

Metodologia

A metodologia utilizada foram pesquisas bibliográfica e a pesquisa de campo. A perspectiva bibliográfica envolve pesquisas realizadas que apontam a comprovação por especialistas e gestores educacionais que o convívio com cães contribui de forma considerável para o tratamento de pessoas com TEA. A relação entre cão e dono é uma das mais fortes, calcada principalmente no amor e companheirismo. Além de tornar a vida das pessoas mais feliz, ter um “pet” também pode ser benéfico em outros âmbitos, como a saúde. Esse convívio acaba sendo crucial para o tratamento de alguns comprometimentos, como é o caso do TEA.

A Universidade de Missouri, nos Estados Unidos, realizou pesquisas usando crianças e adolescente que crescem ao lado de animais de estimação. Eles comparam essas pessoas com e sem esse diagnóstico. Os pesquisadores chegaram à conclusão que as pessoas com TEA que possuíam contato com cães desenvolveram mais suas habilidades sociais e melhoraram a parte social. A Universidade de Montreal, no Canadá, decidiu estudar a fundo a relação dos cães com autistas¹ e identificou que crianças nessa condição apresentam um nível auto de cortisol circulante, o hormônio responsável pela ansiedade. A pesquisa consistiu em analisar antes, durante e depois da criança conviver com o cachorro. Ao final chegaram à conclusão de que houve uma diminuição considerável da ansiedade nos pacientes em contato com pets.

Pesquisas científicas de profissionais da área de Psicopedagogia² apontam para outros benefícios nas Intervenções Assistidas por Animais como redução de quadros ou sintomas depressivos, desenvolvimento do equilíbrio emocional, criatividade nas brincadeiras, redução de comportamentos repetitivos (estereotipados), despertar o envolvimento com tarefas, linguagem.

Discussão: a inserção do cão coterapeuta no processo de aprendizagem e suas possibilidades

A delimitação do tema consiste em perceber que a inserção do animal cão motivará e estimulará o todo processo de aprendizagem da criança com o TEA. É importante para esse público também fazer parte das

1 reportagem “convívio com cães pode trazer bons resultados no acompanhamento de crianças autistas, aponta pesquisa” pelo jornal da manhã, de 09/04/2023, disponível em: <https://jovempn.com.br/saude/convivio-com-caes-pode-trazer-bons-resultados-no-acompanhamento-de-criancas-autistas-aponta-pesquisa.html> acesso em setembro de 2023.

2 Pesquisa disponível por meio do trabalho “O papel do Psicopedagogo nas intervenções assistidas por animais”, acesso por meio do endereço eletrônico: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1030/O%20papel%20do%20psicopedagogo%20nas%20interven%C3%A7%C3%B5es%20assistidas%20por%20animais.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, em setembro de 2023.

relações sociais de acesso ao lazer, à escola, à família e a outros grupos, tornando mais tranquilo sua vivência cotidiana. Afirma Silva (2012, p.12):

Compreender esse transtorno pode ser relativamente simples quando estamos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. E talvez seja esse o maior dos nossos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele.

Entender o TEA sob a perspectiva de possibilidades também impulsiona refletir sobre as muitas possibilidades de contribuição. No caso do animal cão coterapeuta, há a intensão de auxiliar nos ambientes sociais de convívio do aluno com TEA, motivando-o e estimulando-o de forma significativa a locomoção, a interação nos estudos, relação com a família, linguagem, etc.

A Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012 esclarece quanto a pessoa com TEA é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, o que significa ao atendimento à saúde e medicação (tanto na rede pública quanto na privada), segundo regulamentação da Agência Nacional de Saúde (ANS), saque do FGTS para custear o tratamento, transporte escolar, mediador em sala de aula, redução de carga horária de trabalho legalizada, Benefício de Prestação Continuada (BPC), Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), tarifa social de energia elétrica, isenção de imposto de renda em caso de aposentadorias e pensões, compra de veículos com isenção de impostos (Imposto Sobre Produto Industrializado – IPI e Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS), isenção de Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), descontos para aquisição de passagens aéreas, gratuidade no transporte municipal e interestadual (passe livre), meia entrada para eventos culturais extensivo ao acompanhante, entre outros.

É oportuno compreender a dimensão que o cão coterapeuta atenderá a criança com TEA quando ambientada ao animal que passará a ser seu companheiro a partir de uma relação de afetividade construída, motivando-a à inserção em todos os ambientes sociais.

Perspectivas do tratamento e suas hipóteses

No Brasil e no mundo, Políticas Públicas foram necessárias para o acesso das pessoas com deficiências? Elas foram responsáveis ao acesso do público incluso? Como trabalhar o TEA na inclusão e com auxílio do animal cão? Dessa forma, podemos apresentar segundo as ideias pesquisadas por Amy, (2001, p. 19) aborda:

O autismo foi objeto de hipóteses formuladas por psicanalistas, educadores, biólogos, geneticistas e cognitivistas. Permanece, no entanto, como um mistério quanto a sua origem e sua evolução. É sem dúvida difícil determinar se a oposição ao mundo que essas crianças manifestam é ativa e voluntária, se lhes é imposta por deficiências biogenéticas cujas origens ignoramos ou se “o inato e o adquirido” se articulam entre si para criar desordem e anarquia no universo interno dessas crianças.

Conforme o Artigo 205 da Carta Magna (BRASIL, 1988), a educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e preparo para o trabalho. Dessa forma, a Lei brasileira de inclusão da

pessoa com deficiência (BRASIL, 2015) ratifica que crianças e adolescentes com deficiência têm direitos com igualdade de condições, tais como:

- a) Direitos à saúde, a orientação médica, planejamento familiar, diagnóstico e encaminhamento precoce de outras doenças causadoras da deficiência;
- b) Direitos à prioridade de atendimento;
- c) Direitos a apoio das companhias aéreas;
- d) Direitos de reserva de vagas em concurso público, porque de acordo com a Constituição de 1988, até 20% das vagas de um concurso público devem ser reservadas a pessoas com deficiência.

Somando-se a essas ideias, vale ressaltar que o descumprimento dos direitos pode-se solicitar o Ministério Público ou a Defensoria Pública; Tratando-se de ofensa a direito trabalhista, procurar a Delegacia Regional do Trabalho ou o Ministério Público do Trabalho. Dessa forma, na Lei 13.146 que institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) apresenta os direitos e os benefícios, entre outros, conforme prevê a partir do seu artigo Art. 1º:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

A acessibilidade está embasada na autonomia, ou seja, nos termos de garantia, das condições para que a pessoa com TEA possa ter acesso a qualquer lugar sem nenhuma ajuda, ou com a menor possível. De acordo com a Lei nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004. Art. 8, para fins de acessibilidade, considere:

I - Acessibilidade: condição de alcance para uso, segurança e autonomia, total ou assistida, espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, edificações de transportes e dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

II - Barreiras: qualquer entrada ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação.

Tais ideias são essenciais para refletir sobre o TEA. Este, por sua vez, apresenta desordens no desenvolvimento do cérebro antes, durante e após o nascimento que implicam em dificuldades para se comunicar, deficiência intelectual, dificuldades de coordenação motora e atenção, entre outros. Ao longo do crescimento, quem tem TEA pode desenvolver outras limitações, como problemas de saúde física, ansiedade, depressão, entre outros. Não há um tratamento específico, mas terapias/acompanhamentos são realizadas para minimizar os efeitos dos distúrbios para que a criança leve a vida da forma mais normal possível.

Dentre essas técnicas estão terapias de linguagem, motrizes, sociais e medicamentos para o controle

de sintomas. Segundo Medeiros (2023), além da psicoterapia e da medicação, a alimentação, o tratamento fonoaudiológico, a terapia ocupacional e a psicomotricidade são recomendações que apresentam resultados significativos. Outros novos tratamentos como a musicoterapia e equoterapia inovam as possibilidades de melhorar os sintomas do transtorno, proporcionando uma melhor qualidade de vida.

De acordo com a psicoterapeuta e psicanalista Silvana Fedeli Prado, da Organização não governamental (ONG) “Patás Therapeutas - terapias assistidas por animais”, em entrevista concedida ao website Portal Melhores Amigos, em 2019 ³, as crianças com TEA “são afetadas na sua habilidade de socialização, já que o transtorno do espectro autista afeta a linguagem e o processo de aprendizado.” Por esta razão, os cães são animais de estimação recomendados porque além de atenciosos e afetuosos, interagem e se comunicam muito bem.

Assim, como sugestão de apoio à melhoria do tratamento, um cão pode ser um aliado infalível. É comprovado por pesquisas que crianças e adolescentes com TEA que crescem ao lado de animais aumentam o índice de socialização e desenvolvem melhor suas habilidades. No que concerne à acessibilidade, busca-se oferecer condições às pessoas com TEA, cuja as quais têm direito de ir e vir na hora que quiserem, com ou sem companhia.

Resultados da discussão: quanto a integração do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Sabe-se que o TEA tem influência genética e é causado por comprometimentos em partes do cérebro, como o cerebelo, por exemplo. Caracteriza-se por dificuldades significativas na comunicação e na interação social, além de alterações de comportamento, expressas principalmente na repetição de movimentos, como balançar o corpo, rodar uma caneta, apegar-se a objetos ou enfileirá-los de maneira estereotipada. Todas essas alterações costumam aparecer antes mesmo dos três anos de idade, em sua maioria, em crianças do sexo masculino. A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei nº 12.764/12) aborda suas diretrizes:

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

I - a intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista;

II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação;

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

IV - (VETADO);

V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

3 <http://portalmelhoresamigos.com.br/o-melhor-pet-para-criancas-autistas-e-porque-ele-e-o-cao/>

VI - a responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações;

VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

VIII - o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao transtorno do espectro autista no País. (presrepublica.jusbrasil.com.br, acessado: 28/05/20)

Foi no ano de 1993 que o transtorno passou a integrar à Classificação Internacional de Doenças da OMS ⁴(Organização Mundial de Saúde). E, em 2013, passou a ser chamado de Transtorno do Espectro Autista, justamente devido à comprovação de que existem vários níveis. De uma maneira geral, o transtorno se define pela presença de déficits persistentes na interação social e na comunicação, bem como comportamento. Até hoje ainda não se sabe a causa precisa do TEA – e por isso o diagnóstico é realizado, principalmente, por meio da observação da pessoa. Como esse diagnóstico se relaciona a inúmeros elementos essenciais da vida do indivíduo, proceder com o tratamento adequado é de suma importância, trazendo mais qualidade de vida à pessoa nesta condição.

Mediante a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que Instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, Em seu Artigo 1º considera pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de quadro clínico caracterizado na forma dos seguintes incisos:

Art. 1º: institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista estabeleceu diretrizes para sua execução.

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

No artigo 3º da referida Lei (nº 12.764/12) e suas alíneas ressaltam quais são os direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer; à proteção contra qualquer forma de abuso e exploração; - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde.

Para a pessoa com TEA, o relacionamento com outras pessoas costuma não despertar interesse. O contato visual com o outro é ausente ou pouco frequente e a fala, usada com dificuldade. Algumas frases podem ser constantemente repetidas e a comunicação acaba se dando muitas vezes principalmente por gestos. Promover mudanças bruscas na rotina dessas crianças pode desencadear crises de ansiedade e agressividade.

Para minimizar essa dificuldade de convívio social, vale criar situações de interação. Respeite o limite

⁴ Disponível em <https://www.who.int/classifications/classification-of-diseases> Acesso em setembro de 2023.

da criança, seja claro e simples nos enunciados, amplie o tempo para que ele realize as atividades propostas e sempre comunique mudanças na rotina antecipadamente. A paciência para lidar com essas crianças é fundamental, já que pelo menos 50% das pessoas com TEA apresentam graus variáveis de deficiência intelectual. Alguns, ao contrário, apresentam alto desempenho e desenvolvem habilidades específicas - como ter muita facilidade para memorizar números ou deter um conhecimento muito específico sobre informática, por exemplo. Descobrir e explorar as ‘eficiências’ do TEA é um bom caminho para o seu desenvolvimento.

Assim, estamos diante de um transtorno que afeta a capacidade de comunicação, interação e comportamento em diferentes níveis. O transtorno pode se manifestar em diferentes intensidades, mas de um modo geral, não reagem bem em algumas situações, como ambientes muito barulhentos ou estressantes. A reação a esses cenários varia de pessoa para pessoa, mas a insegurança, o medo e o desconforto sentidos são sempre prejudiciais tanto para o sujeito quanto para aqueles que com ele convivem.

Os cães coterapeutas auxiliam a autonomia da criança com Transtorno do Espectro Autista

Com o auxílio dos ajudantes “cães coterapeutas”, também chamados de “cães de serviço” por meio de treinamento profissional, por suas características e habilidades próprias proporcionarão a melhoria da autonomia das pessoas com alguma deficiência ou transtorno, como o TEA. O animal pode auxiliar o apoio físico e emocional. Os cães, mais comumente utilizados para ajudar nas terapias são o *Labrador Retriever* e o *Golden Retriever*, mas também se encontram outras raças.

Há três tipos de intervenção, que são Educação Assistida por Animais (EAA) - dirigidas por profissionais ligados a área de educação como pedagogos, psicopedagogia e fonoaudiólogos que envolvem a criança em atividades que cuidam do animal; Terapia Assistida por Animais (TAA) - realizadas por profissionais da área de saúde especializados e podem ser de forma individual ou em grupo com objetivos definidos para cada caso específico em comum acordo com a equipe de profissionais envolvidos nesta terapia; e Atividade Assistida por Animais (AAA) - as crianças podem interagir de forma espontânea com o cão, voltada para desenvolver a ludicidade e liberdade da criança, estimulando a motivação, o prazer e recreação, o caráter educacional, estímulo de vínculo e do social e movimentando o cognitivo e emocional.

Por meio de treinamentos, esse animal irá receber comandos e proporcionarão mais mobilidade e independência para ajudar pessoas com TEA. Dessa forma, têm um papel significativo, pois ajudam a criança a desempenhar funções que podem ser consideradas um desafio, como interagir com outras pessoas em ambientes públicos, por exemplo.

A relação “humana e animal”, portanto, será de confiança e de segurança da pessoa com TEA em relação ao cachorro. Em muitos casos, a companhia do animal traz contribuição significativa à diminuição da ansiedade. Há alguns casos que os cães recebem treinamento que os capacita em resposta aos sinais de comando, de ansiedade, de controle e de animação. Por exemplo, o cão quando encostar suavemente pode aliviar o sintoma e acalmá-lo.

Considerações finais

Esta pesquisa científica teve como proposta refletir sobre alguns pontos referentes à inclusão social com o auxílio do cão para o desenvolvimento e aprendizagem da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) a fim de motivar a interação ao lazer, à escola e à família.

Evidenciou-se o necessário comprometimento quanto às Políticas Públicas com estratégias para uma Educação Especial e Inclusiva com qualidade e destinada as pessoas com deficiência ao ingresso na rede regular de ensino. Ou seja, acessibilidade para condições físicas, motoras, visuais e afins, oferecendo atendimento educacional especializado de apoio e proporcionando o fortalecimento de aptidões que o aluno com TEA possa precisar.

Considerando o possível desinteresse do aluno com TEA em razão de aspectos distintos (tais como: comportamentos estereotipados, movimentos repetitivos da cabeça e/ou de antebraços e mãos, balanço do tronco, ausência de respostas, desconsideração ao ser chamado pelo nome (age como se não estivesse escutando), dificuldades no contato visual, ausência da exploração de brinquedos de forma adequada, atraso ou ausência do desenvolvimento da fala, entre outros) a socialização com o apoio dos cães contribui ao aluno com TEA a melhorar sua linguagem corporal e convivência constante, a fim de que desde o nível mais básico até as estruturas mais complexas da linguagem sejam aprendidos. O contato com o cão permitirá considerável melhora nos sentimentos e ansiedades, influenciando favoravelmente a um tratamento e diagnóstico de evolução.

Dessa forma, é possível integrar de forma mais viável a pessoa com deficiência ao ambiente escolar, proporcionando também sua socialização aos outros grupos que irão interagir por meio da cultura, educação e lazer. Todos, no intuito de reduzir efeitos preconceituosos e excludentes que possam ser expostos cotidianamente.

Referências

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o Autismo: a criança autista, seus pais e a relação terapêutica**. Tradução, Sérgio Tolipan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ARMOMINO, Maurício Júnior. **Comportamento animal**. Organizadora Valeska Regina Reque Ruiz. Ponta Grossa (PR). Atena Editora, 2019. Disponível em <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/comportamento-animal> Acesso em setembro de 2023.

BARROS, Ludmila da Cruz; UHMANN, Silvana Matos. As (IM)possibilidades do ensino remoto para o aluno com Transtorno do Espectro Autista. In. ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org). **Autismo avanços e desafios - Volume 2**. Guarujá/SP: Editora Científica Digital, 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm Acesso em julho de 2023.

BRASIL, **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em agosto de 2023.

BRASIL, **Decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em <https://www.riodasstras.rj.leg.br/leis/portal-da-pessoa-com-deficiencia/legislacao-federal/>. Acesso em abril de 2023.

BRASIL, **Decreto legislativo nº 186, de 2008**. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/congresso/dlg/dlg-186-2008.htm. Acesso em maio de 2023.

BRASIL. **Lei nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004**. Regulamenta as leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=5296&ano=2004&ato=e93UTVq5keRpWT529#:~:text=REGULAMEN%20AS%20LEIS%20N%C2%BA%2010.048,MOBILIDADE%20REDUZIDA%20E%20D%C3%81%20OUTRAS>. Acesso em setembro de 2023.

BRASIL, **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18742compilado.htm. Acesso em abril de 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Acesso em janeiro de 2023.

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK Sergio Antonio. **Espectro autista: O que é? O que fazer?** Curitiba: Editora Íthala, 2012.

KISHIMOTO, Tisuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Égler; SANTOS, Maria Terezinha Teixeira dos. **Atendimento educacional especializado: políticas públicas e gestão nos municípios**. São Paulo: Moderna, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: caminhos, descaminhos, desafios, perspectivas**. In: Maria Teresa Égler Mantoan. (Org.). O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis / RJ: Vozes, 2008, v. 1, p. 29-41.

MAZZOTTA, Marcos. José Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996. 208 p.

MEDEIROS, JANIARA DE LIMA; RABELO, Jorge Henrique da Costa; MATTOS, Michele Morgane de Melo. **Formação do docente à Educação Básica: cenários e expectativas da Educação Inclusiva a partir de desafios na contemporaneidade**. In: NOVIKOFF, Cristina; MEDEIROS, Janiara de Lima. Psicologia e Educação: perspectivas para um diálogo interdisciplinar. 1 ed. Curitiba: CR V, 2023, v.1, p. 127-136. Disponível em www.editoracrv.com.br

MEDEIROS, Janiara de Lima; MATTOS, Michele Morgane de Melo. **Integrar ou incluir: desafios contemporâneos da Educação Especial na perspectiva inclusiva**. Revista Educação Inclusiva REIN!, <https://revista.uepb.edu.br/RE>, p. 80 - 92, 11 jul. 2022a.

MEDEIROS, Janiara de Lima; RABELO, Jorge Henrique da Costa. **Educação inclusiva nas escolas militares brasileiras**. REIN!. Revista Educação Inclusiva, <https://revista.uepb.edu.br/RE>, p. 136 - 147, 09 fev. 2022b.

MEDEIROS, JANIARA DE LIMA; MATTOS, Michele Morgane de Melo. **Educação na perspectiva dos direitos humanos: quais os desafios da educação inclusiva na contemporaneidade?** Anais do II Congresso Internacional de Movimentos Docentes. Editora V&V: Diadema, 2022c, v.6, p-61-82 disponível em: https://drive.google.com/file/d/1GAQ_5Oyup59IIPXqR3HjWN7HRLumyA5/view.

MEDEIROS, Janiara de Lima; MATTOS, Michele Morgane de Melo. Cristina Novikoff; Janiara de Lima Medeiros; Tigernaque P. de S. Júnior; Marcio Vieira Xavier. (Org) **Desafios e perspectivas da Educação Inclusiva**. In: Desafios e perspectivas da Educação. 1ed.Rio de Janeiro: Bibliex, 2021a, v. 1, p. 231-243.

MEDEIROS, Janiara de Lima; MATTOS, Michele Morgane de Melo. **Da integração à inclusão escolar do público-alvo da Educação Especial**. Da integração à inclusão escolar do público-alvo da Educação Especial.. 1ed.Rio de Janeiro: Bibliex, 2021b, v. 1, p. 1-170.

MEDEIROS, Janiara de Lima. Desafios para o Gestor de Ensino na Educação Inclusiva: **integrar ou incluir alunos com deficiência na era tecnológica**. In: Humanis - Educação Inclusiva: avanços e desafios.1 ed.Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal, 2017, v.1, p. 19-40. Disponível em https://janimedeiroseducacao.com.br/wp-content/uploads/2020/02/10-educacao_-Desafios-para-o-Gestor-de-Ensino-na-Educacao-Inclusiva-integrar-ou-incluir-alunos-com-deficiencia-na-era-tecnologica.-1.pdf.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org> Acesso em abril de 2023.

ROSS, Paulo. **Educação Inclusiva**. Editora Fael. Curitiba: 2010.

SASSAKI, Romeo. Kazumi. **Inclusão, o paradigma da próxima década**. Mensagem, Brasília, v. 34, n. 83, p. 29, 1998.

SZABO, Cleusa Barbosa. **Autismo: um mundo estranho**. 1ª edição. São Paulo. Editora EDICON, 1992. URBANEK, Dinéia.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa; GAIATO. Maiara Bonifacio; REVELES. Leandro Tadeu. **Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

UHMANN, Silvana Matos. Acesso e permanência do aluno com deficiência na escola regular: alguns desafios e possibilidades. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados-MS, v. 6, n. 12, p. 19-32, jul./dez. 2018

Cães-guias como mediadores estéticos: Reconfigurações dos modos de fazer e pensar a cultura do acesso

Guide dogs as aesthetic mediators: Reconfigurations of the ways of doing and thinking about access culture

Perros-guía como mediadores estéticos: Reconfiguraciones de los modos de hacer y pensar la cultura del acceso

Camila Araújo Alves¹
Marcia Moraes²

Resumo: Partindo da relação mulher-cega-com-cão-guia, o artigo discute o trabalho do cão-guia como um agente que promove a mediação estética por meio de afetações experimentadas diante de obras de arte como uma peça de teatro ou uma escultura. O argumento central é o de que a mediação não se define como uma ponte, mas como uma prática que se faz no meio de muitos. Por essa via, o trabalho do cão-guia como mediador desloca e coloca em xeque sentidos hegemônicos do que seja guiar, mediar e promover acessibilidade apontando para reconfigurações nos modos de fazer e pensar a cultura do acesso. Com uma escrita situada, que toma como direção metodológica o uso de narrativas, o texto conclui que a acessibilidade estética não se resume a uma soma de informações. Mas é um processo que se ativa como experimentação entre cão-guia, humanos, obras de arte.

Palavras-chave: mediação, acessibilidade estética, cão-guia.

Abstract: Starting from the relationship between blind-woman-with-guide-dog, the article discusses the guide-dog's work as an agent that promotes aesthetic mediation through the affections experienced in front of works of art such as a play or a sculpture. The central argument is that mediation is not defined as a bridge, but as a practice that occurs among many. In this way, the work of the guide dog as a mediator displaces and challenges hegemonic meanings of what it means to guide, mediate, and promote accessibility. With a situated writing style, the text concludes that aesthetic accessibility is not merely a sum of information, but a process that activates as experimentation among guide dogs, humans, and works of art.

Key words: mediation, aesthetic accessibility, guide-dog.

Resumen: Partiendo de la relación mujer-ciega-con-perro-guía, el artículo discute el trabajo del perro-guía como un agente que promueve la mediación estética a través de afectaciones experimentadas ante obras de arte como una obra de teatro o una escultura. El argumento central es que la mediación no se define como

1 Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Psicóloga Clínica e Coordenadora do Nexo – Psicoterapia. Email: camilaaraujoalves@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6152-0665>

2 Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Professora Titular no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Email: marciamoraes@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8581-6126>

un puente, sino como una práctica que se realiza en medio de muchos. Por esta vía, el trabajo del perro-guía como mediador desplaza y pone en cuestión sentidos hegemónicos de lo que significa guiar, mediar y promover accesibilidad, señalando reconfiguraciones en los modos de hacer y pensar la cultura del acceso. Con una escritura situada, el texto concluye que la accesibilidad estética no se reduce a una suma de información. Sino que es un proceso que se activa como experimentación entre perro-guía, humanos y obras de arte.

Palabras clave: mediación, accesibilidad estética, perro-guía.

Introdução

Parte grande do percurso profissional de uma das autoras foi marcado pelo exercício da função de mediadora, em um Centro Cultural³. Via de regra, os espaços culturais e museais possuem um setor educativo⁴, responsável pelo acolhimento do público que chega no museu, com visitas agendadas ou não, a depender do funcionamento de cada local.

Os profissionais atuantes nesses espaços são historicamente conhecidos como guias, mas há também lugares que trabalham com educadores ou ainda, no caso em tela, espaços em que os profissionais desses setores são conhecidos como mediadores. Cada um desses cargos traz consigo um jogo de forças, práticas e políticas distintas. Dizemos isso para que não pensem que se trata de uma mera troca de palavras para nomear uma mesma função. Foi como mediadora que uma das autoras trabalhou por dez anos, recebendo milhares de visitantes em exposições de arte e realizando atividades produzidas pela equipe de acessibilidade da qual fazia parte. Em cada uma dessas visitas, em cada pequeno e grande encontro, havia com ela a companhia de um cão-guia.

Neste ponto é importante sublinharmos que este texto é escrito em co-autoria por duas mulheres cujas vidas e histórias se cruzaram na universidade, uma como docente, outra como aluna primeiro de graduação, depois de mestrado e doutorado. É um percurso longo de amizade, parcerias e produções conjuntas. Uma de nós é uma mulher cega, branca, que segue na vida com a parceria de seu terceiro cão-guia, Pix, um labrador preto, grande, cujas lambidas marcam uma parte de sua personalidade assim como o tamanho de suas orelhas, maiores do que a da maioria de seus parentes. Nas histórias que são narradas ao longo deste texto, a parceria era com a Pucca, uma cadela golden retriever, de pelo longo e dourado, a cão-guia que inaugurou esta jornada de vida de mulher-cega-com-cão-guia. Num outro tempo do texto, a parceria era com o Astor, um cão-guia labrador de pelo curto e marrom. Como salientam Moraes, Tsallis e Monteiro (2025, no prelo) o hífen não é apenas um elemento gramatical, mas sim um recurso metodológico para a composição da escrita e que carrega mundos de cuidado e de sentido, nem sempre isentos de conflito. No uso que fazemos deste hífen, um dos sentidos importantes é o de confirmar presença e agência ao cão-guia, não como objeto, mas como alguém que age em relação, junto com a mulher cega e com o mundo à sua volta. O hífen carrega o sentido de um corpo que se faz em ação, em relação: mulher-cega-com-cão-guia.

Já a outra autora é uma mulher de meia idade, branca, que recentemente passou a fazer o corpo em

3 No campo da cultura, ensino e aprendizagem o conceito de mediação cultural assume diversas possibilidades. Autores que tratam desse tema estão presentes mais adiante.

4 Desde 2010, no Brasil, iniciou-se uma relação que busca reconhecimento legal da prática e função educativa nos museus através do processo de elaboração do Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM, com o desenvolvimento da política nacional aliada ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O Caderno publicado em 2018 traz a definição sobre o que se compreende como Educação Museal. Segue o link de acesso ao caderno: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>

articulação com uma prótese de quadril feita de metal, cerâmica e parafusos. Outros limites, outros tempos de vida, outras histórias encarnadas. É do encontro entre estas duas mulheres que nasce a escrita deste texto, inicialmente como parte da tese de doutorado de uma, orientada pela outra.

Na leitura das linhas que se seguem, algumas partes serão grafadas em itálico, com um recuo diferente dos parágrafos, para indicar que a memória de um encontro invadiu a escrita. São memórias vividas por uma de nós, compartilhadas com a outra, nas muitas conversas que tivemos quando da realização da pesquisa que deu origem a este texto. São memórias escritas a posteriori, instadas pelo que se passava no cotidiano de nossas conversas. É certo que não tomamos a história como um baú de coisas guardadas. Mas sim, como uma ilha de edição que toma por base um conjunto disperso de acontecimentos, de afetos, de histórias, imagens, sons e tantas coisas mais. Com isso queremos salientar que há na memória um trabalho de montagem que se faz contínua e ininterruptamente ao longo da vida e da pesquisa. No caso desse texto, os acontecimentos foram vividos por uma de nós, já a edição das memórias fizemos de modo sempre compartilhado, uma em parceria com a outra. E tais memórias irão invadir o texto, como invadiram a pesquisa forjando aberturas de sentido, reinventando o presente e também, o próprio passado. Em tais trechos usaremos o pronome na primeira pessoa do singular para indicar que apenas uma de nós estava lá, no calor do acontecimento narrado. Nas demais passagens da escrita, usaremos a primeira pessoa do plural, porque fomos nós duas as editoras, as tecelãs a costurar memórias, vidas, pesquisas.

Por que registramos tais passagens em itálico? Porque queremos garantir que este texto seja acessível para todo mundo. Quem porventura for lê-lo com leitores de tela, tão logo alcance o itálico, saberá que ali, naquele ponto, uma memória irrompeu.

Cão-guia e a ação de mediação

Segundo Miriam Celeste (2014) a mediação é a ação de transitar, articular. Em seu texto *Memórias para o devir: A mediação cultural como provocação e contaminação estética*, a autora nos revela a mediação como um fazer em rede, ultrapassando a ideia de mediação como uma ponte que une dois pontos. Celeste afirma que a mediação é um “estar entre muitos” (ALVES, 2020).

Mediação é encontro; mediação é ampliação de conhecimento; mediação é ir ao encontro do repertório e dos interesses do outro; mediação é conectar conteúdos e interesses; mediação é ir além dos conteúdos; mediação é aproximar, refletir experiências e compartilhar; mediação é diálogo, conversação, provocação. E justamente por ser um termo polissêmico é que ele se constitui como problema de pesquisa. Autores como Honorato (2012), Martins (2014) e Kaufman, Harayama e Lage (2016) também tomam a mediação como campo problemático (ALVES, 2020).

A professora e pesquisadora Miriam Celeste (2006) defende que as propostas éticas e estéticas de uma mediação cultural são de grande importância para que as experiências propostas pelo núcleo de educação de um museu aconteçam. “Em sua pesquisa, afirma que quanto mais interativa, no sentido de levar em conta o visitante, de nos relacionarmos, de promovermos sua participação ativa, seus pontos de vista e suas considerações, mais transformadoras as experiências podem ser” (ANDRADE, 2020, p. 16).

E o que toda essa discussão tem a ver com a mediação? Bem, trazemos o tema da mediação para que pensemos como essa discussão se sintoniza e ressoa também no trabalho dos cães-guias. O conceito de mediação abre a possibilidade de compreendermos o lugar do cão-guia nas vidas das pessoas cegas e o das pessoas cegas nas vidas desses cães. Este é um caminho de argumentação que nos levará também a acionar uma certa história da deficiência. Como dito anteriormente, há formas distintas de se relacionar com o público em um museu, sendo guia ou mediador, as práticas engendradas por cada uma dessas funções são capazes de criar

relações com diferentes potências. No caso do guia, função essa que também nomeia o trabalho que os cães-guias fazem, há uma distribuição assimétrica nas posições de quem ocupa esse campo relacional. Ao guia, tanto no museu quanto na função dos cães, há a expectativa de que esses cumpram um conjunto de comandos pré-estabelecidos antes de um encontro, que assumam posições de neutralidade e que se atentem, de forma menos interativa, ao caminho que deve ser percorrido.

Tais relações, organizadas nesses termos, produzem um distanciamento entre quem guia e quem é guiado, entre quem segue e quem é seguido, entre quem fala e quem é ouvido, entre quem detém as informações e quem irá adquiri-las. E no caso dos cães-guias, o que se passa? Se, por um lado, historicamente nos relacionamos com os animais de modo a docilizá-los, a desacreditar de suas habilidades de inteligência, aprendizagem e comunicação, por outro lado, quando uma pessoa cega aceita constituir uma parceria com um cão, precisa creditar a ele a sabedoria na condução de seus passos e decisões que serão por ele tomadas.

Longe de serem objetos neutros, produtores da independência das pessoas cegas, o cão-guia é agente e garantia de que a pessoa cega não estará sozinha. No caso de uma de nós, mulher-cega-com-guia, não estar mais sozinha diz respeito a colocar em xeque o isolamento que pessoas com deficiência experimentam num mundo corponormativo e capacitista. Tal isolamento restringe nossas articulações com as pessoas, com o mundo. Neste ponto, é importante sublinhar os efeitos que os cães guia produzem na cidade, nas instituições, nas vidas de outras pessoas e, principalmente, nas vidas das pessoas com deficiência: são efeitos que os colocam, é nossa afirmação, mais próximos de ações mediadoras do que do exercício de um guia.

A hora de voltar para casa já se aproximava. Com duas amigas, fui almoçar antes de voltar. Uma delas me levaria até o táxi... Que alívio! Aquela tensão que parecia dizer respeito só à minha vida, de repente foi dividida com ela. Uma tensão constante de não saber o que me espera quando circulo pela cidade com a Pucca. Pela nossa proximidade, por já saber dos desafios que Pucca e eu enfrentávamos em nossas andanças, dessa vez eu não precisei lançar mão de nenhuma instrução, afinal de contas ela já as conhecia. O local onde eu pegaria um táxi era a saída de um shopping. Em geral, por ali se formava uma fila, era um ponto onde taxistas deixavam pessoas que chegavam ao local e levavam as que queriam sair. Para minha surpresa, naquela hora em que chegamos, não havia fila. Chegarei rapidinho em casa, pensei! Pensei como alguém que vez ou outra insiste em acreditar que os caminhos não são feitos de atritos, de pedras rochosas... Como se o próprio ato de circular não trouxesse consigo um trabalho, uma tradução de mundo. O primeiro taxista dos muitos que, diferente do que acontecia de manhã, estavam livres, não quis fazer a corrida, disse que não transportava cães. O segundo pouco quis ouvir a minha amiga a respeito da presença do cão. À medida que os táxis iam recusando as corridas, uma fila ia se formando atrás da gente. Um grupo de homens, que deviam estar no final do almoço, sei lá, conversavam atrás de nós. Os taxistas continuavam a recusar as corridas, a fila aumentava, a ansiedade também. Agora eu e a amiga que me acompanhava estaríamos sozinhas? Foi o que pensei! Os carros que não nos levavam pararam para pegar as pessoas que estavam atrás de nós, como se aquela fila não fosse uma única fila. Como se nós não fôssemos as primeiras. Mas ainda que os carros parassem para levar as outras pessoas, elas não iam.

Fui ouvindo um combinado do grupo de rapazes, um combinado feito entre eles, que dizia que eles não pegariam o táxi que tivesse recusado a nos levar. Fiquei tocada...

Mais uma vez aquele problema deixou de ser só meu, só da amiga que estava comigo e foi redistribuído. Ao mesmo tempo em que ele ia sendo redistribuído, para mim, ele ia sendo também traduzido.

Traduzir é fazer invenções na sua própria língua...

Algumas mulheres que estavam no final da fila perguntaram por que a fila não andava, afinal de contas, táxis não faltavam. Os rapazes responderam que era porque eles não queriam me levar. Eu não sabia que eles estariam ali, não saberia que estavam se tivessem pegado o primeiro táxi que recusou fazer a nossa corrida, mas eles recusaram a corrida de vários taxistas. Eles tiveram o seu caminhar interrompido por outras vidas. Foram tomados por isso? Tomaram isso para eles? Não sei... Mas tiveram o seu caminhar interrompido e só seguiram de novo quando nós seguimos! (Memórias de um encontro, 2014).

No ano de 2010 dois acontecimentos marcaram a vida de uma das autoras: a chegada da Pucca, cão-guia, e o começo do trabalho como mediadora em um espaço museal. Pucca era uma golden retriever de pêlo dourado, corpo robusto. Sua função era, inicialmente, guiar. Cabia a ela levar sua humana, mulher cega, pelo mundo afora. Porém, há ainda quem suponha que a função de um cão-guia é a de obedecer comandos. Com um protocolo determinado do que é ser uma guia, ela deveria executar sua função.

A questão é que um cão-guia é um ator não-humano⁵ capaz de produzir deslocamentos, colocar questões, evidenciar as negociações necessárias para o sucesso de um encontro. Um cão-guia é capaz de mediar. Se a presença de uma pessoa cega no mundo ainda é um fator inusitado, a presença de pessoa-cega-com-cão-guia é ainda mais inusitada, um ator imprevisto em quase todos os espaços. Faz-se necessário o tempo inteiro articular nossas presenças nesses espaços. Dizemos “nossas” para marcar que no corpo-mulher-com-cão-guia o que há, logo de saída, é a conexão, o vínculo: o hífen supra mencionado.

Que o pessoal é político, nós aprendemos com as feministas negras e chicanas (Anzaldúa, 2000; hooks, 2019). Quando uma experiência pessoal, aparentemente anedótica, toca outras vidas, ela tece um nós, um coletivo. É justo neste ponto que o pessoal é político. Não se trata de tomar a narrativa pessoal como confessional ou como uma impureza a ser retirada dos trabalhos acadêmicos. Trata-se, antes, de afirmar que a pesquisa - e a escrita - são localizadas, isto é, corporificadas num emaranhado de conexões. Escrever e narrar com as memórias de uma de nós é um gesto político de deixar os rastros no texto: os rastros dos coletivos que nos fazem agir no mundo, do que nos “fazem fazer”. A duplicação do verbo fazer na última frase indica que a ação é sempre coletiva e articulada num emaranhado de conexões e não oriunda de um ponto isolado ou de alguma origem única. Na memória que narramos, à mulher-cega-com-guia se articularam a rua, os táxis, as filas, a organização de quem pega e quem não pega o táxi. Ali, naquela cena, um ato político de insurgência era agenciado por um grupo muito heterogêneo. Aqui, na escrita, reverberamos o ato político para levá-lo mais longe, para que ele alcance mais vidas. É por isso e para isso que escrevemos, que narramos com nossas memórias.

Segundo Camila Andrade (2020), o trabalho no setor de educação de um espaço museal assenta-se numa política de atuação que, para a autora, é a mediação como prática e não como função. Ou seja, segundo Andrade (2020), a mediação cultural é estruturada a partir da perspectiva prática, a partir da atuação e das relações que podem ser estabelecidas no contato com os sujeitos que compõem os contextos sociais em

5 Na teoria ator rede, o ator é definido a partir do papel que desempenha, do quão ativo, repercussivo é, e quanto efeito produz na sua rede, portanto, pode-se dizer que pessoas, animais, coisas, objetos e instituições podem ser um ator. Já a rede representa interligações de conexões – nós – onde os atores estão envolvidos. A rede pode seguir para qualquer lado ou direção e estabelecer conexões com atores que mostrem alguma similaridade ou relação.

questão. É nessa sintonia em que tomamos a mediação como ação, como prática de abertura e disponibilidade ao outro, feita também pelos não-humanos e, mais precisamente, pelos cães-guias.

A discussão que propomos acerca da mediação não está separada das discussões artísticas. Tradicionalmente, a fruição artística é considerada num sentido passivo de espectador, isto é, numa relação de distanciamento entre a obra exposta e o espectador. De modo similar, como falamos, o guia atua em museu também numa relação distanciada em relação tanto à obra quanto aos espectadores, já que é ele quem passa as informações sobre a obra aos visitantes do museu. É o guia quem “sabe” sobre a obra. O espectador é quem recebe a informação. Na contramão dessa concepção, artistas como Hélio Oiticica⁶ e Lygia Clark⁷ fazem outras propostas para a fruição da obra de arte. Esses artistas se interessaram e propuseram atividades colaborativas no campo das artes, com uma rede interdisciplinar, promovendo o trabalho com comunidades amplas, não necessariamente com o público já habituado aos espaços museais. Por essa via promoveram uma democratização das relações, da ética criada e valorizada na discussão da arte (ANDRADE, 2020).

Hélio Oiticica e Lygia Clark são dois dos artistas mais revolucionários de seus tempos. Seus trabalhos foram experimentais ao longo de toda a vida, rompendo com o conceito de obra de arte como um objeto, como algo fora de nós, para o de relação entre artista e público. Reconhecidos internacionalmente como dois dos mais importantes artistas da arte contemporânea, suas obras passaram a se preocupar com o corpo em ações diretas nas obras de arte, atuando na contramão da atitude contemplativa que por muito tempo definiu o que se esperava do espectador (ALVES, 2020).

Ao longo de suas trajetórias, investiram em propor cada vez mais relações sensoriais e corporais por parte do espectador, gerando uma nova percepção de obra de arte. É o auge da dessacralização da obra de arte e da aproximação entre arte e vida – a arte como extensão do humano. Os trabalhos deixam de ser “obras” para serem propostas abertas ao público e por ele completadas (ALVES, 2020).

As discussões levadas adiante pelas obras de Oiticica e Clark a respeito da democratização da arte, da ética, da valorização da colaboração, da desierarquização e da democracia passam a ser valores ligados à prática artística. Desse modo, esses artistas, ainda que com objetivos e produções diversos, permanecem ligados “pela crença na criatividade da ação coletiva e nas ideias compartilhadas como forma de tomada de poder” (ANDRADE, 2020, p. 147). A arte em questão, portanto, é pensada mais como um modo de existência do que como um produto, do que como produção de objetos. É como um processo de experimentação social, um percurso cartográfico, aprendendo no caminho como operar a complexidade dos cruzamentos de linguagem entre arte, ciência, educação e espaço museal, que a arte se torna, com esses artistas, um campo expandido para além das convenções estabelecidas.

O que propomos nesse texto é que pensemos a ação dos cães guia não no sentido clássico do guia, como já explicitado nas linhas anteriores. Mas sim no sentido da mediação como uma prática cujo fio histórico se liga ao que Oiticica e Clark propuseram no campo das artes. O que queremos dizer com isso? Queremos sublinhar que o trabalho do cão-guia longe de ser o de um objeto ou de um ser passivo que apenas atende a comandos, é um trabalho de mediação, de experimentação tal como proposto pelos artistas brasileiros que revolucionaram a história da arte. A arte, nesse recorte, é reafirmada como atitude ou modo de receber e devolver,

6 Hélio Oiticica (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1937 – idem, 1980). Artista performático, pintor e escultor. Sua obra caracteriza-se por um forte experimentalismo e pela inventividade na busca constante por fundir arte e vida. Seus experimentos, que pressupõem uma ativa participação do público são, em grande parte, acompanhados de elaborações teóricas, com a presença de textos, comentários e poemas. Mais informações sobre o artista no link a seguir: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>

7 Lygia Pimentel Lins (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1920 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988). Pintora e escultora. Trabalha com instalações e body art e destaca-se por trabalhar com a relação no campo da arte terapia. Propõe a desmistificação da arte e do artista e a desalienação do espectador, que compartilha a criação da obra. Mais informações sobre a artista no link a seguir: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1694/lygia-clark>

de negociar, que, de alguma maneira, deve ser modulado pelas diferenças que acontecem em cada espaço, em cada indivíduo.

Nessa perspectiva, Andrade (2020) retoma a afirmação de que a mediação é estar entre muitos: “nos colocando na condição e na posição de quem também há de viver uma experiência e a potencializa, despertando corpos, caminhando juntos, levando e sendo levado” (ANDRADE, 2020, s/p). É isso o que define o trabalho de um cão-guia.

4.2 - A mediação

Era fevereiro de 2018. Eu que conheci o Astor no dia 3 de janeiro desse mesmo ano havia finalizado há uma semana o nosso processo de adaptação, que, confesso, não foi fácil. Pucca havia trabalhado comigo por anos, até a chegada de sua aposentadoria. O grau de conexão que criamos ao longo desses anos me fez esquecer os percalços do início e mais, permitiu também sublinhar todas as diferenças entre eles. Ele não era ela, eu não o conhecia, ele não me conhecia. Não tínhamos nenhuma conexão nem tampouco eu havia, durante o nosso processo de adaptação, ficado sozinha com ele, feito saídas apenas com ele, visto que essa é uma determinação desse primeiro momento.

Outra raça, outro tamanho, outro peso, outra forma de andar, outra forma de se comunicar. Se com Pucca eu me sentia deslizando pelas ruas da cidade, com Astor as ruas se tornavam uma grande e radical trilha, uma aventura. Divertido que só ele, seguíamos nos a saltar rapidamente pelos rumos que tomávamos. Voltamos em fevereiro. Eu havia comprado dois disputadíssimos ingressos para a montagem de Bia Lessa da obra Grande⁸ Sertão Veredas. A peça estava em cartaz no CCBB do Rio de Janeiro, lugar⁹ bem conhecido por mim e recém conhecido por Astor. No centro da rotunda, localizado no térreo do prédio, o cenário estava posto. Sem recursos de acessibilidade, eu contaria apenas com as falas dos personagens e as descrições feitas de modo informal pela pessoa que estava comigo. Portas abertas, entrada liberada, fomos eu, Astor e minha companheira para nossos lugares. Sentamos e posicionei o Astor debaixo da cadeira onde estava sentada, próximo aos meus pés, de modo que eu conseguisse abraçá-lo com as pernas e senti-lo durante o espetáculo, ao meu lado direito, minha companheira. Primeiro sinal, segundo sinal, terceiro sinal. Começa o espetáculo. Os atores começam a ocupar o centro do cenário, em torno do qual o público estava posicionado, incluindo nos três.

Sons de corvos, acompanhados de uma forte expressão corporal, o “palco” sendo tomado a cada segundo por mais corvos, que levaram Astor ao desespero. Levantando-se rapidamente, chorando e tremendo, ele que acompanhava atento o espetáculo foi completamente tomado por ele.

Naquela cena saímos correndo, nos três. Sentados do lado de fora do teatro, liguei

8 Dirigida por Bia Lessa, a peça baseada em obra do mineiro João Guimarães Rosa tem Luiza Lemmertz, Caio Blat, Leonardo Miggiorin e Luisa Arraes no elenco. Na trama, encenada dentro de uma espécie de gaiola de andaimes instalada na área de convivência do Sesc Pompeia, o jagunço Riobaldo faz um pacto com o demônio para sobreviver no sertão e tenta reprimir o amor que sente pelo colega Diadorim.

9 Aqui falo do CCBB/RJ como um lugar bem conhecido por mim. No momento dessa experiência eu estava no fim de uma jornada de dez anos de trabalho no espaço.

desesperada para o treinador que, ao ouvir sobre o acontecimento, me disse: “Ele está com medo e só precisa do seu suporte, tudo isso é muito estranho para ele”. Levamos tempo ali com ele, acariciando e acalmando a nós mesmas até que o susto tivesse passado. Naquele dia, não vimos a peça, mas entendi completamente a força que ela tinha. (Memórias de um encontro, 2018).

Essa noite foi muito marcante. Era o grande sertão em pleno Rio de Janeiro. O espetáculo era incrível, mas sem recursos de acessibilidade. O que ninguém imaginava, nem a mulher-cega-com-cão-guia era que o Astor faria a mediação da obra. Ele foi um mediador cultural - e dos bons! Foi uma *mediação* inesperada. Pois é, acreditem, foi isso o que aconteceu, o Astor havia ali feito uma mediação estética, tornando acessível a estética daquela obra para sua humana, uma mulher cega. Nenhuma descrição objetiva da obra teria provocado na mulher o tremor sentido, nem teria feito a faria correr junto do cão, como ele fez quando foi tomado pelo “acontecimento dos corvos”. Eram corvos no palco. Atores-humanos-corvos. E eles eram assustadores.

A questão que há para ser explorada a partir do amálgama cão-guia-mulher-cega é: o que esta conexão *faz fazer* o cão? O que esta conexão *faz fazer* com a deficiência, com a pessoa com deficiência? A questão não era restituir à mulher a visão perdida. Nem tampouco transmitir informações objetivas sobre a peça. Astor foi afetado pela obra. Ele participou ativamente da cena e fez chegar à sua humana um sentido da obra, uma tensão, um medo que se fazia presente no encontro entre ele e a obra. É uma mediação que não parte do que no outro falta, parte do que a obra *faz fazer*. Mediação estética levada adiante por um cão-guia que ao mesmo tempo que desloca o sentido clássico de guia, coloca em xeque a concepção de deficiência como falta.

A acessibilidade estética tem como intenção fazer uma ativação sensorial da interação entre público, corpo, obra, artista e movimentos artísticos. Não é uma questão de transmissão de informações porque essa, por si só, não é capaz de suscitar em pessoas cegas, como uma das autoras desse texto, o potencial artístico de uma obra, ela não nos permite experimentar a obra de arte. A informação é capaz de nos informar a respeito de algo ou alguma coisa, mas não de nos fazer sentir.

O episódio no teatro com o Astor traz à tona uma acessibilidade estética. Longe de tomar aquele seu comportamento como inaceitável, um erro ou um desvio para um cão-guia muito bem treinado, o que seria compreensível caso se esperasse dele uma posição mecânica e neutra diante de um espetáculo contemporâneo, o que a autora viveu naquele dia foi o medo, a insegurança e o perigo do sertão, encenado na sua pele e no corpo do Astor.

Se a mediação acontece no laço, pelo vínculo, é preciso considerar que o cão-guia também faz laço, faz vínculos com os espaços, pessoas e, inclusive, com os espetáculos que frequenta junto com a mulher-cega. Astor é um ator ativo no seu processo de ocupação do mundo; um mundo partilhado com sua humana, com muitos. Para além de seu trabalho exemplar como guia, do seu reconhecimento dos comandos e da sua habilidade como guia, a maneira como Astor toma o mundo é mediação.

Ao longo desse percurso no campo da arte, provocada por encontros com artistas como Hélio e Lygia, uma das autoras passou a propor, em equipe, modos experimentais de desenvolver programas e dispositivos de acessibilidade que possibilitem incluir, principalmente, pessoas com deficiência em museus e centros culturais. Nesse ponto, começava a se desenhar um conjunto de inquietações. Quais são as maneiras possíveis de se ocupar o espaço do museu? O que significa propor maneiras experimentais de desenvolver programas e dispositivos de acessibilidade?

Em consonância com os pensamentos de Oiticica, nos referimos ao termo “experimental” a partir de seus estudos e de suas parcerias, que, ao priorizarem a arte como um processo contínuo de estudo entre cor-

po, artista, espectador e obra, acreditavam que a ação artística era derivada das experiências vividas. Nesses termos, ao longo das produções desses artistas, o experimental serviu para designar a busca de liberdade em utilizar variados materiais, de maneiras múltiplas, como artifício artístico, a partir de novas mídias e novas propostas, como o “caminho sensorial” em que o corpo é entendido como força motriz. O resultado do experimental é que ele é livre, pois não se repete (ALVES, 2020).

Assim, o conceito de experimental traz novos valores e novas leituras para o campo da acessibilidade. Assumir o experimental em um trabalho de acessibilidade é assumir que uma obra de arte não tem sentido em si ou que uma curadoria de uma exposição não garante uma leitura por parte do visitante; é garantir que existe e persiste nesse processo experimental uma positividade, algo esperando para emergir (ALVES, 2020).

Ressaltamos que cães-guias como o Astor podem estabelecer uma relação de experimentação com as obras de arte com as quais também nos relacionamos. Se, por um lado, com as diferenças de posições que ocupamos em nossa relação, é a humana quem decide onde irão, os cães aceitam a decisão, mas não deixam nunca de responder a ela do modo como são afetados e tocados no curso dos encontros e caminhos que percorrem juntos.

4.3 - Afetar e ser afetado: considerações finais

O ano era 2011. Fazia alguns meses que eu e Pucca havíamos nos conhecido e partimos para Salvador com amigas da faculdade para um evento da área, que aconteceria na cidade. Viajamos juntas pela primeira vez. A experiência despertava sensações incríveis de frio na barriga, até um frescor na alma. Lá íamos nós para a Bahia, lugar que eu e ela conheceríamos juntas.

Foram sete dias intensos, muitas caminhadas e muitos passeios. Dedicamos ao evento a menor parte da nossa viagem. Em uma de nossas andanças, visitamos uma Casa de Cultura cujo nome me escapa, mas que na época recebia nos jardins uma exposição do escultor francês Rodin¹⁰. Apesar de nessa época eu já estar trabalhando em exposição de arte, eu pouco conhecia sobre a história da arte. Essa visita foi marcante também nesse sentido.

Nas galerias da casa encontramos com obras do Frans Krajcberg¹¹, também escultor, que usa como matéria-prima para suas obras madeiras advindas do processo de queimadas em prol do desmatamento para obtenção de lucros. Suas obras tem cheiro, cheiro esse que chamou a atenção de Pucca em toda a visita. As linhas que imprimiam aos videntes a justa medida de distanciamento das obras eram ignoradas por Pucca, que insistia em cheirar e se aproximar. É muito bonito ver como diferentes formas de conhecer exigem de nós diferentes organizações corporais e espaciais. Pucca para

10 Auguste Rodin (1840-1917) foi um escultor francês. “O Pensador”, “O Beijo” e “A Porta do Inferno” são algumas de suas famosas esculturas. Foi um dos artistas mais influentes do século XX. René-François-Auguste Rodin (1840-1917) nasceu em Paris, França, no dia 12 de novembro de 1840. Filho de um modesto funcionário do departamento de Polícia recebeu apoio da família para suas inclinações artísticas. Para conhecer mais sobre o artista, segue o link: https://www.ebiografia.com/auguste_rodin/

11 Frans Krajcberg (Kozienice, Polónia, 1921 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017). Escultor, pintor, gravador e fotógrafo. Autor de obras que têm como característica a exploração de elementos da natureza, destaca-se pelo ativismo ecológico, que associa arte e defesa do meio ambiente. Para conhecer mais o artista, segue o link: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg#:~:text=Escultor%2C%20pintor%2C%20gravador%20e%20fot%C3%B3grafo.artes%20pela%20Universidade%20de%20Leningrado.>

visitar essa exposição precisava cheirar. Ora ela conseguia ora não. Mas fato é que a maior experiência desse dia aconteceu nos jardins. Lá estavam as imensas esculturas de Rodin. Todas de ferro. Nos posicionamos diante de uma escultura de um homem, cuja expressão corporal sugeria que ele estava vindo em nossa direção, apontando um dedo de uma das mãos também em nossa direção, como quem está pronto para travar uma tensa discussão.

Essa foi a descrição que eu ouvia diante da obra, o que muito me ajudou a entender a postura corporal do homem esculpido, mas o que trouxe ali naquele dia a dimensão estética da obra foi a discussão que Pucca aceitou travar com ele. Foi isso. Depois de alguns minutos diante da obra, Pucca, que estava sentada, levantou-se e, olhando para cima, para o rosto do homem, começou a andar para trás, dando movimento à cena, ensaiando rosnar, como quem tivesse respondendo a um convite feito pelo artista. A tensa discussão ia começar. (Memórias de um encontro, 2011).

É mais uma cena do cão como mediador. Assim como Astor no teatro, Pucca, diante de Rodin, tornou-se uma mediadora estética daquela obra de arte. A descrição daquela obra não tinha trazido consigo a força da expressividade dela. Tal força jamais poderia ser expressa por palavras que a tentassem traduzi-la. A expressividade é algo com a qual temos, neste contexto, que lidar na carne, na pele.

Ao aceitar o convite da obra, ou melhor, ao ser tomada pelo convite da obra, Pucca assustou sua humana que teve seu coração tomado por batidas aceleradas, por medo. Medo da postura da cachorra: será que Pucca estava cometendo algum erro no seu treinamento como cão-guia? Há, nos animais, algo que talvez a maior parte de nós tenhamos perdido diante da vida e também da arte, que é a capacidade de reagir, de se deixar tomar, de responder expressivamente com todo o corpo ao mundo que habita.

O que a relação com os animais nos permite acessar do mundo, das obras de arte e de nós mesmos? Falamos sempre de algum lugar, mas também ouvimos sempre de algum lugar. Somos capazes de ouvir os animais do lugar de onde eles falam? Que humanidade a relação com nossos animais constrói em nós? Que tipo de animalização a humanidade que nos tornamos produz?

Afetar e ser afetado pelas histórias que contamos sobre os animais, contar essas histórias levando em conta as relações mulher-com-cão-guia, arte, acessibilidade, mediação estética é que queremos provocar com a escrita deste trabalho. É um conjunto de questões articuladas que se abrem com o que narramos nesse artigo. Como dito, as mediações estéticas levadas adiante por Pucca e Astor deslocaram sentidos dados para o cão-guia. Deslocaram também os sentidos dados para o trabalho da mediação em espaços museais e colocaram em xeque a narrativa da deficiência como falta, como incapacidade. Afetar e ser afetado talvez seja outro modo de dizer que nós existimos e sentimos e mundo em relação, no meio de muitos e por meio de muitas mediações.

Referências:

ALVES, Camila Araujo *E se experimentássemos mais? contribuições não técnicas de acessibilidade em espaços culturais*. Curitiba: Appris, 2020.

ALVES, Camila Araújo; MORAES, Marcia. Proposições não técnicas para uma acessibilidade estética em museus: uma prática de acolhimento e cuidado. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/44287>. Acesso em: 6 abr. 2025.

ALVES, Camila Araújo; MORAES, Marcia. *Entre histórias e mediações: um caminho para acessibilidade estética em espaços culturais*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2018. Disponível em: <https://www.research->

gate.net/publication/328396967_Entre_Historias_e_Mediaco es_um_Caminho_para_Acessibilidade_Estetica_em_Espacos_Culturais. Acesso em: 6 abr. 2025.

ALVES, Camila Araújo; MORAES, Marcia. *Carta aberta ao mundo da cultura*. Museu do Amanhã. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/publicacao-entre-museus-acesseis-acesibilidade-carta-aberta-ao-mundo-da-cultura-camila-alves-e-marcia-moraes>. Acesso em: 6 abr. 2025.

ANDRADE, Camila Oliveira. Como começa um museu? Um estudo sobre os reflexos da interação entre museu e público. (Dissertação de mestrado). *Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

ANZALDUA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas (on-line)*. vol. 8, n.1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 22 abr. 2023.

HOOKS, Bell *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KAUFMAN, Nira & Tabak, Sheina. Inclusão e mediação escolar: Norteadores para uma prática ética. *Educação Online*, (22), 27-42, 2016. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/263>. Acesso em 21 fev 2024.

KAUFMAN, Nira. Mediação Escolar: Tecendo Pistas Entre Muitos (Dissertação de Mestrado). *Programa de Pós-graduação em Psicologia*, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.

MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra & MONTEIRO, Ana Claudia Lima. *Fragmentos do cuidar de nossas mães velhas: narrativas encarnadas*. No prelo, 2025

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. *Revista Garatuja*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, ago. 2014. Disponível em: http://artenaescola.org.br/uploads/arquivos/Medicoes_culturais_e_contaminacoes_esteticas_Miriam%20Celeste%20Martins.pdf. Acesso em: 20 ago. 2016.



Contos

A terra clamava, o tempo reconfortava

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Era uma terra de cor intensa, quase incandescente — ardente não apenas no tom, mas na história que carregava. Quem a visse de longe poderia pensar que ali pulsava uma força infinita, mas bastava um olhar mais atento para perceber o cansaço que a consumia.

Durante anos, fora fértil. Árvores altas dançavam ao vento, raízes profundas sorviam vida e devolviam sombra, abrigo e alimento. Mas algo, silencioso e persistente, começou a esgotá-la. Os nutrientes foram sendo levados, como suspiros arrancados aos poucos, até que já não restava quase nada.

As grandes árvores desapareceram primeiro. Depois, vieram as pequenas. No fim, apenas gramíneas pálidas insistiam em existir — frágeis, esbranquiçadas, como se também estivessem prestes a desistir.

Ao lado, um deserto avermelhado avançava lentamente, como um vizinho inevitável. Seus ventos quentes sopravam histórias de aridez e esquecimento, e a terra, já enfraquecida, sentia-se cada vez mais só.

Ela chorava — não com lágrimas visíveis, mas com rachaduras que se abriam em sua superfície. Não entendia o que a havia minado tão profundamente. Perguntava-se, em silêncio, onde havia perdido sua força, onde deixara escapar a vida que antes transbordava.

Os anos passaram, e o mundo pareceu esquecê-la.

Até que, um dia, algo mudou.

Não foi de repente, nem grandioso. Foi um gesto quase imperceptível — uma brisa diferente, uma sombra passageira, talvez uma chuva tímida que ousou cair onde ninguém mais acreditava. Pequenos sinais começaram a surgir, como promessas sussurradas.

A terra, ainda desconfiada, recebeu o toque com cautela. Mas o acalento insistiu. Veio em ciclos, paciente, constante. E pouco a pouco, o que parecia perdido começou a despertar.

Primeiro, um broto. Depois, outro.

As gramíneas ganharam cor. O solo, antes seco, voltou a reter umidade. As raízes, tímidas, começaram a se aprofundar novamente. E então, quase como um milagre silencioso, a terra voltou a frutificar.

Não era mais a mesma de antes — e talvez nunca fosse. Mas havia ali uma nova vida, mais consciente, mais resiliente. Uma força que não vinha apenas da abundância, mas da superação.

E assim, entre o deserto e a esperança, ela compreendeu:

A natureza, em sua sabedoria infinita, também sabe curar.

Solista de Cobre

José Dias Linhares

Laurinhos não se contenta em apenas existir; ele ocupa o espaço. Com sua plumagem que transita entre o amarelo dourado e um cobre vibrante, ele parece carregar o próprio brilho do sol nas penas. Mas é na postura que ele revela quem realmente é. Não há hesitação: o peito estufado e a cabeça erguida denunciam uma imponência que ignora o tamanho da gaiola ou do próprio corpo.

Assim que o dia sinaliza a primeira luz, o espetáculo começa. Não é um barulho qualquer, é arquitetura sonora. Laurinhos executa compassos complexos, seguindo partituras invisíveis que só ele conhece — ou que a natureza, em um momento de inspiração absoluta, resolveu ditar apenas para ele. Ele não canta para os outros; ele canta porque a música transborda.

Antigamente, o canto de Laurinhos era apenas a trilha sonora das visitas à casa de minha mãe. Eu o ouvia entre um cafezinho e outro, entre assuntos diversos e paralelos, sem saber que aquele som logo se tornaria a nota central do meu próprio cotidiano. O que começou como um favor de sete meses transformou-se em três anos de uma guarda compartilhada pelo afeto. Minha mãe percebeu: Laurinhos já não era mais dela; ele tinha escolhido o meu silêncio para preencher com sua música.

Foi na intimidade do meu teto que conheci o verdadeiro Laurinhos. À noite, o cuidado: eu não suportava a ideia de deixá-lo ao relento; trazia a gaiola para o calor de dentro. Mas a natureza dele não conhece o botão de soneca. Às 5h40 da manhã, o primeiro piado já ecoava, um chamado insistente para a vida. Ao levar a gaiola para a varanda, o ritual se transformava em jogo. Ele tentava bicar meu dedo, não por agressividade, mas por uma curiosidade tátil, olhando-me com aquele olhar que misturava uma alegria radiante com uma fragilidade que apertava o peito.

Aos poucos, a barreira de ferro entre nós derreteu. O que era uma bicadinha rápida tornou-se um pouso. Eu abria a porta da gaiola e, num gesto de entrega total, Laurinhos subia

no meu dedo indicador. Ali, entre alpistes, vitaminas e pedacinhos de maçã oferecidos na palma da minha mão, selamos nossa amizade. O animal “bravo” ou “arredio” deu lugar ao companheiro que colocava as patinhas sobre meu dedo, brincando com uma confiança que poucos humanos conseguem atingir. Naquele momento, eu entendia que ele não tinha medo de mim; éramos, enfim, velhos e eternos amigos.

Laurinhos não era apenas o solista da minha casa; ele era o anfitrião de um pequeno ecossistema. Na varanda, a gaiola se tornava um ponto de encontro. Pardais, rolinhas e até beija-flores faziam uma pausa para compartilhar o alpiste e a água doce que eu deixava por ali. Eu assistia a tudo de longe, encantado com aquela diplomacia entre as asas, uma amizade silenciosa que Laurinhos conduzia com sua postura de pequeno rei.

Mas o tempo, que nos deu três anos de convivência, pediu o retorno. Quando minha mãe solicitou sua volta, senti um aperto que nenhuma lógica explica. Entregar a gaiola foi devolver um pedaço da minha rotina. Sugeriram-me substitutos, outros bichos, novos cantos. Recusei. No coração da gente, o espaço deixado por um amigo não aceita “réplicas”. Nenhum outro canário-belga teria aquele olhar de fragilidade alegre ou aquela confiança de bicar o meu dedo com tamanha delicadeza.

Hoje, Laurinhos vive no paraíso que merece. No quintal da minha mãe, entre pés de frutas, maritacas, tucanos e o som dos jacus, ele encontrou uma plateia muito maior e o frescor das árvores. Quando o visito, sinto que o silêncio da minha casa foi o preço que paguei para que ele tivesse a liberdade desse cenário verde. Ele continua lá, vibrante e imponente, colorindo a vida de quem passa, enquanto eu guardo comigo a memória daquelas partituras que, por um breve e eterno tempo, foram tocadas apenas para mim.

O que mais me impressiona, porém, é o tempo que não consegue apagar o que vivemos. Já se passaram anos desde que ele voltou para a casa de minha mãe, mas a nossa conexão parece imune ao calendário. Basta eu passar em frente à sua gaiola para o espetáculo do reconhecimento começar: Laurinhos se agita, pula freneticamente de um poleiro para o outro, respondendo aos meus beijos e assobios com uma euforia que não aceita disfarces. É uma alegria genuína, demonstrada em gestos e batidas de asa.

Se eu me afastar, ele estanca; fica imóvel, com aqueles olhinhos fixos em mim, vigiando minha distância. Ao me aproximar de novo, o ritual reinicia. Quando coloco a mão na gaiola, a mágica se completa. Ele se lembra de tudo. Sobe no meu dedo, olha nos meus olhos e ali permanece, em um silêncio que diz muito. Fico pensando em como uma criaturinha tão pequena, com um coração do tamanho de um grão, consegue guardar uma memória tão vasta e um amor tão nítido. No fim, Laurinhos me ensinou que o tamanho do corpo não limita a capacidade de amar; às vezes, são as menores batidas de asa que nos dão as maiores lições sobre o que é ser, verdadeiramente, eterno.

Biografia:

José Dias Linhares é um escritor entusiasta e dedicado à investigação dos silêncios e das miudezas cotidianas. Sua prosa transita pelo realismo psicológico e pelo intimismo, buscando no papel a tradução visual de sentimentos intensos. Natural de Belo Horizonte/MG, atualmente, dedica-se à construção de seu primeiro romance, enquanto espalha crônicas e poesias por antologias e revistas literárias, sempre sob o rigor da observação urbana do seu dia a dia.



A tarde caía pesada sobre o bairro silencioso quando Marta estacionou o carro na garagem e percebeu que algo estava errado, pois Boris estava deitado na entrada, imóvel demais para um animal que normalmente a recebia em frenesi. E havia terra por toda parte, nas patas, no focinho, espalhada pelo piso de pedra como se o animal tivesse voltado de algum lugar que cães não deveriam frequentar, então, ela viu entre os dentes do animal, já com a rigidez característica, o coelho branco da vizinha Dona Cecília.

– Boris, não – ela sussurrou, sentindo o estômago se revirar.

O pânico foi imediato e irracional, como todo pânico verdadeiro, Marta não pensou direito, pegou o bicho pelas orelhas, levou para o banheiro, abriu o chuveiro e começou a lavar, a água escorreu marrom, depois bege, depois clara, ela ensaboou, enxaguou, secou com a toalha velha que usava para o cachorro, depois veio o secador, absurdo, ela sabia, mas o desespero tem sua própria lógica, quando terminou, o coelho parecia quase vivo, quase, ela sabia que a vizinha saía para ir ao shopping todas as tardes às cinco horas, pulou o muro baixo que separava os quintais, abriu a gaiola com mãos trêmulas e depositou o animal sobre a palha, na posição mais natural que conseguiu imaginar, fechou o arame, voltou para casa, uma hora depois os gritos começaram, Marta saiu pela porta da frente com a expressão mais cuidadosamente composta que já havia montado na vida.

– Dona Cecília? O que houve?

A mulher estava de frente para a gaiola, as mãos cobrindo a boca, os olhos arregalados numa expressão que Marta levaria anos tentando descrever, não era tristeza, não era exatamente medo, era algo entre os dois.

– Ele voltou – a vizinha murmurou.

– Como assim?

Dona Cecília se virou devagar, havia algo diferente no rosto dela agora, uma calma que chegou rápido demais, substituindo o horror com uma velocidade que não parecia natural.

– Ele morreu, aqui, nessa gaiola, eu mesma achei ele duro, frio. – Ela fez uma pausa. – Eu mesma cavei o buraco, Marta, lá no fundo do quintal, perto da cerca, eu mesma o enterrei.

Marta abriu a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa.

– E agora à tarde – Dona Cecília continuou, a voz baixando a um tom que Marta sentiu mais do que ouviu – eu passei aqui antes de ir ao shopping e a gaiola estava vazia.

O mundo parou, Marta tinha chegado em casa às cinco e meia da tarde, ela havia colocado o coelho na gaiola às seis e pouco.

– Vazia – Marta repetiu, porque precisava dizer alguma coisa enquanto tentava entender o que estava entendendo.

– Vazia – confirmou a vizinha. E então olhou para ela com aqueles olhos que agora Marta percebia que não piscavam há tempo demais. – Alguém o desenterrou, Marta, alguém o desenterrou, lavou, secou, e colocou de volta.

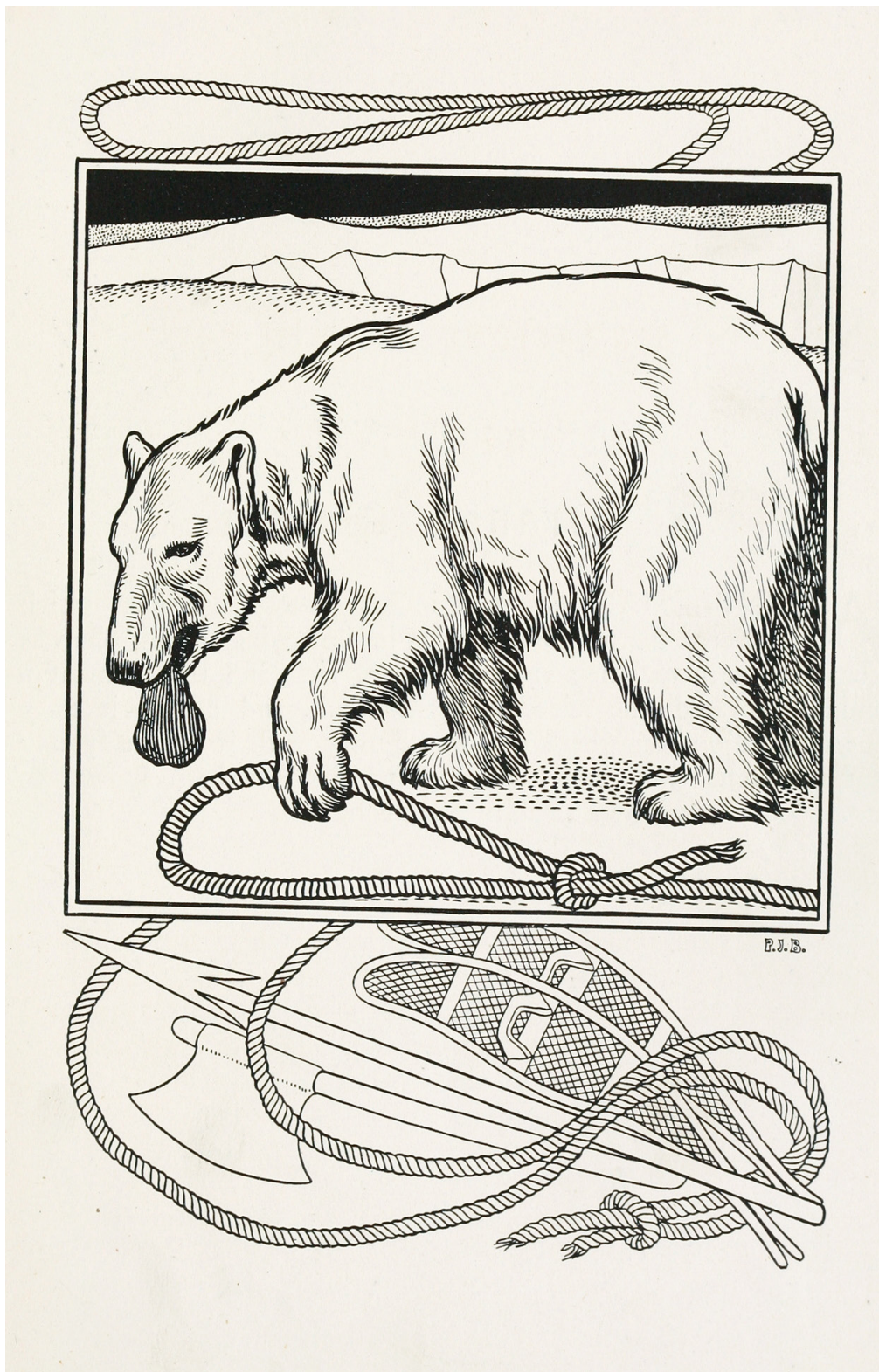
Silêncio, no fundo do quintal de Dona Cecília, perto da cerca, havia um buraco aberto, e dentro da gaiola, o

coelho branco permanecia imóvel sobre a palha, com a barriga levemente voltada para cima, exatamente como Marta o havia posicionado, num ângulo que nenhum animal vivo jamais escolheria para descansar, Dona Cecília sorriu, era um sorriso pequeno, educado, completamente errado para aquele momento.

– Obrigada pela visita – disse ela. – Boa noite.

Marta foi para casa, não conseguiu dormir, às três horas da madrugada, Boris começou a latir para o quintal, latiu por um tempo, depois parou de repente, como se alguém tivesse desligado um interruptor, na manhã seguinte, havia terra fresca na entrada e Boris estava deitado no mesmo lugar de sempre, imóvel demais, com algo entre os dentes.

Ramsés Albertoni é Professor da Facom da UFJF, Pesquisador de Pós-doutorado em Comunicação (PPGCOM-UFJF), Pós-doutor em Artes (PPGCA-UFF), Doutor em Artes (PPGACL-UFJF), Pesquisador dos Grupos de Pesquisa: Arte & Democracia e Comunicação, Arte e Literacia Midiática.



Crônicas

O IDIOMA DO SILÊNCIO

Anderson Del Duque

Dizem que o homem é o único ser capaz de racionalizar o mundo, mas basta um minuto de silêncio diante da mata ou um olhar profundo nos olhos de um animal para percebermos que a sabedoria não mora nas palavras, mas na existência. A natureza não discute sua importância; ela simplesmente é. Ela oferece a sombra ao cansado, o fruto ao faminto e o ar ao ingrato, sem cobrar faturas ou exigir aplausos.

Os animais, esses mestres do agora, possuem um idioma próprio que nós, mergulhados no barulho das metrópoles e dos egos, desaprendemos a falar. É o idioma da lealdade sem condições e da presença absoluta. Quando um cão repousa a cabeça no colo de seu dono, ele não está apenas buscando afeto; ele está oferecendo uma cura silenciosa para uma alma que, muitas vezes, esqueceu como é ser verdadeiramente humana.

Proteger a natureza e os animais não é um ato de caridade, é um ato de autodescoberta. Quando ferimos o verde ou silenciemos uma espécie, estamos, na verdade, mutilando partes da nossa própria história. Dar voz a quem precisa de amor é, acima de tudo, abrir os ouvidos para a canção da vida que pulsa fora de nós.

Que possamos aprender com o rio que contorna os obstáculos sem perder o rumo do mar, e com os animais que, em sua pureza, nos lembram que o maior poder que existe não é o de dominar, mas o de conviver em harmonia. Onde a natureza toca o coração do homem, ali o céu se faz presente na terra.



Lourival Antonio de Carvalho Junior

Biografia Resumida:

Nascido na capital paranaense, Curitiba – onde o frio desenha pensamentos e a cidade pulsa em ritmo discreto –, Lourival de Antonio de Carvalho Junior divide seu tempo entre a precisão do cotidiano no Tribunal Regional da 4ª Região (TRF-4), onde trabalha como técnico judiciário, e a amplitude acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde cursa Relações Internacionais e lapida a compreensão para o diálogo entre cidadãos, empresas e nações. Em alguns concursos, teve participações exitosas com sonetos, entre os quais merecem ser citados “Quando passarmos mádido bosque do amor” e “O Voo do Navegador”.

Boia Cross no Nhundiaquara

O domingo amanheceu com aquele azul indeciso das manhãs de verão em Morretes, como se o céu ainda estivesse escolhendo a cor do dia. Desci a rua devagar, sentindo no ar o cheiro úmido da serra e vendo o voo celeste diamantino quase secreto de uma borboleta capitão-do-mato, entre fulgurantes cachoeiras, ternos bambuais e fluorescentes manacás-da-serra, e fui chegar no Rio Nhundiaquara, que corria manso e antigo, com a paciência das coisas que já viram índio, tropeiro e turista de chinelo.

À beira d’água, um grupo de rapazes inflava boias coloridas. Riam alto, como se o riso fosse também um equipamento de segurança. Havia ali uma alegria meio irresponsável, dessas que só a juventude e o verão autorizam. Um deles me disse que aquilo era boia cross — descer o rio ao sabor da correnteza, entregando-se às curvas, às pedras escondidas e às pequenas corredeiras que fazem o coração bater mais depressa.

Fiquei olhando.

O Nhundiaquara não tem pressa. Vem lá de cima da serra, escorrendo pela mata atlântica como quem conta um segredo verde. Mas, naquele trecho, parecia disposto a brincar com as multidões. A água batia nas boias e espirrava luz. O sol, cúmplice, pousava em cada gota

como se quisesse também descer o rio.

De repente, partiram.

Desceram gritando, girando, às vezes trombando uns nos outros — e o rio, que não costuma discutir com ninguém, aceitava a algazarra com indulgência. Havia algo de antigo naquela cena moderna: o homem, afinal, sempre quis confiar o corpo à água. Antes era canoa de tronco, depois vapor, agora boia inflável comprada em loja de esquina. Muda o objeto; permanece o desejo.

Uma senhora, sentada na margem com uma sombrinha tímida, comentou que aquilo era perigoso. Talvez fosse. Mas há perigos que são apenas maneiras de a vida lembrar que estamos vivos. Um moço mais magro quase virou numa pedra mais atrevida; recuperou-se rindo, como quem aprende, em segundos, a arte do equilíbrio.

O rio continuou seu caminho. Depois que os gritos se afastaram na curva, voltou o silêncio cortado apenas pelo canto invisível de um pássaro — a gralha azul, símbolo do Paraná. Pensei que o Nhundiaquara não guarda mágoa de nada: nem das enxurradas violentas, nem das boias coloridas.

Ele segue.

E nós, que não sabemos seguir com tanta simplicidade, inventamos o boia cross — talvez para imitar o rio, talvez para sentir na pele o que ele sabe há séculos: que a vida é uma descida cheia de pedras ocultas, mas também de claridades súbitas.

Voltei para casa com os pés ainda úmidos de respingos. O dia já tinha escolhido sua cor definitiva, um azul mais firme. E fiquei pensando que, se o saudoso cronista Rubem Braga estivesse ali, talvez dissesse apenas que o melhor da aventura não era a velocidade da água, mas aquele instante exato em que o homem, boiando, aceita não mandar em nada — e, por isso mesmo, sente-se estranhamente livre.

O Voo Violeta das Borboletas Imperador no Japão

No Japão, até o silêncio parece ter asas. Ele pousa nos jardins de musgo, escorre pelos telhados curvos dos templos e se eleva, quase invisível, quando as grandes borboletas imperador cruzam o ar em voo violeta. Não voam como quem foge, mas como quem lembra. Cada batida de asas parece conter uma estação inteira.

Chamam-nas *ōmurasaki*, o grande roxo — borboletas que não se exibem na pressa do verão vulgar, mas surgem quando o tempo abranda e a luz aprende a ser oblíqua. Seu violeta não grita; murmura. É a cor dos crepúsculos longos, da íris cansada dos monges, da seda antiga guardada em baús que só se abrem para a memória. Quando passam, o ar muda de densidade, como se o mundo respirasse mais devagar.

Os japoneses sabem olhar o efêmero. Desde cedo aprendem que a beleza não se agarra: aceita-se. Assim como as flores de cerejeira, as borboletas imperador são vistas como mensagens do intervalo — entre a vida e a lembrança, entre o que foi e o que ainda treme. Há quem diga que carregam almas ancestrais, retornando em forma leve para visitar os vivos sem lhes pesar o coração.

Vi uma atravessar um bosque de cedros perto de um antigo santuário xintoísta. O violeta de suas asas refletia a sombra verde, criando um tom impossível, como se duas estações conversassem. Nenhum gesto humano ousou interromper aquele instante. Até o vento pareceu pedir licença. O Japão tem essa cortesia invisível diante do mistério.

No campo, os idosos dizem que, quando as grandes borboletas imperador voam baixo, o ano será generoso; quando sobem alto, é sinal de despedida. Não é superstição: é poesia aplicada à observação. O voo se torna leitura do mundo. As asas, um calendário.

E assim elas seguem, imperiais não pelo tamanho, mas pela dignidade do breve. Violeta em trânsito, assinatura delicada no ar. Quando desaparecem, não deixam vazios — deixam atenção. E talvez essa seja a maior lição do Japão: certas criaturas não vêm para ficar, mas para ensinar a arte rara de perceber.

Ad Astra et Ultra

Na Escola de Especialistas da Aeronáutica, o dia começa antes do sol aprender o próprio nome. O pátio ainda guarda o frio da madrugada quando o aluno de estrutura e pintura de aeronaves atravessa em passo firme o caminho entre hangares. Ali, o céu não é paisagem: é destino. Cada rebite, cada camada de tinta, cada inspeção silenciosa aponta para cima, como uma oração técnica feita de metal e disciplina. Fui aluno do curso básico em Estrutura e Pintura de Aeronaves, entre os anos de 2008 e 2009, quando pertencia à 229ª Turma – Esquadrão Templário.

No balcão de especialidade, antes de me formar 3º sargento, aprendi cedo que uma aeronave não se sustenta apenas pela força dos motores, mas pelo rigor invisível. Estrutura é ética: medir duas vezes, cortar uma; respeitar tolerâncias mínimas como quem respeita leis naturais. Um milímetro não é detalhe, é abismo. Nos bancos de prática, entre chapas de alumínio e ligas especiais, o aluno entende que o voo começa no chão, na humildade do trabalho bem feito.

Na pintura, descobre outra ciência. Não se trata de cor, mas de proteção. Cada camada é escudo contra o tempo, o sal, o sol, a fadiga do ar. A tinta não embeleza: preserva. Ao passar o pulverizador com mão firme, pude compreender que até a estética, no mundo da aviação, é responsabilidade. Uma superfície mal tratada é uma promessa de falha futura.

Os instrutores falam pouco, mas quando falam, o verbo pesa. Contam histórias de aeronaves que voltaram ou não voltaram por causa de um detalhe mal executado — e de outras que só voltaram porque alguém, anônimo, foi fiel ao procedimento e evitou um incidente ou acidente aeronáutico. Por essas razões, o aluno deve escutar com muita atenção. Sabe que tal-

vez nunca seja visto pelo piloto nem lembrado pelo passageiro, mas seu trabalho voará. E isso basta. Ainda me lembro quando o suboficial Paulo, falecido no ano de 2025, reclamava para que eu apertasse com a maior firmeza possível o gatilho da pistola pneumática a fim de que eu evitasse o empoeiramento das peças (o efeito “casca de laranja”).

Já à noite, quando o cansaço dobrava os ombros e quando não havia avaliações próximas, eu tinha a magnífica oportunidade de olhar o céu estrelado sobre Guaratinguetá e repetir em silêncio o lema que não é apenas frase latina, mas bússola interior: *Ad Astra et Ultra*. Aos Astros e Além. Não como sonho vago, mas como compromisso. Cada aeronave que deixa o hangar carrega um pouco de sua precisão, de sua tinta, de sua honra.

E assim se forma o especialista: não apenas um técnico, mas um guardião do voo. Enquanto muitos admiram o rasgo branco no céu, ele sabe — o infinito só é alcançado porque alguém, no chão, tratou o detalhe como sagrado.

Chico & Nino são muito gatos



Os dois danadinhos Chico Bento & Nino

Vida nova, gatos novos!

João Victor e Larissa, logo após o casamento correram adotar 02 gatinhos. Sonho antigo do casal!

E assim, Chico e Nino, dois pretinhos básicos, arrumaram um lar feliz, e bota feliz nisso; brincam o dia inteiro, rolam, sobem pelas paredes (quase, na verdade pelos móveis), descem, arranham e arranham e arranham (mas, bonzinhos que são, não arranham móveis; arranham o arranhador que ganharam da Tia Cá). Engraçadinhos demais!

Cada abertura do apartamento é dotada de telas, claro, pra segurar os bichaninhos que não podem ver uma porta aberta. O vovô – no caso eu – gosto demais deles, de visitá-los, mas minha alergia não curte muito não, os olhos avermelham, coçam, escorrem – o nariz, então, deixa pra lá!

Mas todo sacrifício é válido quando se ama, então “*tome antialérgico*” que ficar sem ver os gatinhos – e principalmente os “donos” dos gatinhos – aí é que não dá mesmo.

Gatos são seres especiais; na verdade, melhorando a frase, animais são seres especiais. Todos os animais, mas o caso aqui é felino, gatos pra ser exato, então vou me ater a gatos, embora não seja veterinário, como a Larissa, essa sim sabe muito sobre o mundo dos gatos & outros bichos.

Basicamente caçadores, ainda que bem alimentados, gatos não podem ver um passarinho que partem pra cima e, por isso, recebem muitas críticas dos “anti-gatos”, mas como é amplamente sabido eles têm instinto de caçadores, então não há culpa, deles, gatos, se há “culpados” são os tutores que descuidam. O correto é manter um olho no gato e outro no passarinho, sempre que possível.

Há uma lenda – não sei até que ponto real – que os gatos não são adotados, adotam. E no caso desses dois irmãozinhos (eles são irmãos) isso é perceptível: eles adoram os tutores João & Lari, então embora tenham sido adotados, claramente vê-se que eles adotaram o casal.

Ah, e são pretinhos. Na idade média - e antes, e penso que depois, ainda hoje - sempre houve preconceito contra gatos negros sendo relacionados a bruxaria e afins, daí a certeza que tenho quando afirmo que animais são seres especiais, entre eles não existe preconceitos e outros sentimentos nefastos que são, infelizmente, inerentes à raça humana, claro que há e muitos seres humanos também especiais com toda carga de (boa) humanidade que esse termo “especiais” traz, mas há também uma porção de.....melhor esquecer e ficar só nos gatos!

Luizinho Trocate



Sobre o autor: natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade.com”, “Eldorado”. Contatos: slramos224@gmail.com

Os nossos pets são os nossos melhores amigos

Na penumbra da sala, Barnabé, um Golden Retriever de pelos cor de mel antigo, observava o dono, Tiago, diante da tela brilhante do computador. Tiago suspirava, os ombros tensos como cordas de violão esticadas demais.

Barnabé levantou-se pesadamente e encostou o focinho úmido no joelho do rapaz.

— Agora não, amigão. O prazo tá apertado — murmurou Tiago, sem desviar os olhos dos ecrãs.

Barnabé não se deu por vencido. Ele sabia que o “prazo” era um monstro invisível que roubava o brilho dos olhos do seu humano. O cão foi até ao canto da sala, abocanhou um macaco de pelúcia sem uma orelha e depositou-o sobre os pés de Tiago.

— Au? — questionou Barnabé, com a cabeça inclinada.

Tiago olhou para baixo e, pela primeira vez em horas, os seus lábios esboçaram um sorriso.

— Tu não desistes, pois não? Esse macaco já nem apita, Barnabé.

O cão abanou a cauda, batendo ritmicamente contra a perna da mesa. *Tum-tum-tum*. Era o som da lealdade. Na mente de Barnabé, não havia relógios, apenas momentos. E aquele momento pedia que o ar pesado da sala fosse substituído pelo cheiro de relva cortada.

— Está bem, venceste — disse Tiago, fechando o portátil com um estalo definitivo. — Vamos ao parque.

Enquanto desciam as escadas, Barnabé ia à frente, parando a cada dois degraus para verificar se o seu humano ainda o seguia. No parque, debaixo de um carvalho antigo, encontraram Luna, uma gata siamesa que morava no prédio vizinho e costumava passear de trela, desafiando as leis da natureza felina.

— Lá vens tu salvar o teu bípede outra vez? — miou Luna, sentada sobre um banco, observando Tiago lançar uma bola de ténis.

— Ele estava a esquecer-se de respirar, Luna — respondeu Barnabé, entre arquejos de felicidade, enquanto trazia a bola de volta. — Eles acham que nos alimentam, mas somos nós que mantemos o coração deles a bater no ritmo certo.

Tiago ajoelhou-se na erva para coçar as orelhas de Barnabé. O stress das planilhas tinha desaparecido, substituído por uma calma que só o toque de um pelo macio consegue proporcionar.

— Tu és o meu melhor amigo, sabias? — sussurrou Tiago.

Barnabé lambeu-lhe a face, um gesto que no dicionário canino significava: *“Eu sei. E tu és o meu mundo inteiro.”*

E eu olho para ele também, e digo em pensamento, que eu sei que somos só nos dois mesmos, pela vida inteira ou pelo amor que durar, porque pelo menos comigo, ninguém solta a mão de ninguém, e o meu Paraíso é o seu Paraíso, meu mundo é o seu Mundo, o meu abrigo é o seu abrigo, porque somos eternos e amigos para sempre e quero estar para sempre ao seu lado.

Renan oliver



Ensaio

ENTRE CIÊNCIA E CULTURA: A DESANCORAGEM EPISTEMOLÓGICA E AS LIÇÕES DA CRIPTOZOOLOGIA PARA A ZOOLOGIA CULTURAL

Elidiomar Ribeiro Da-Silva¹

Resumo – Este ensaio discute o conceito de desancoragem epistemológica a partir da trajetória da criptozootologia, analisando seu deslocamento de campo científico para fenômeno cultural. Argumenta-se que a Zoologia Cultural pode se beneficiar desse caso-limite, desde que mantenha clareza sobre seus referenciais empíricos e distinções entre representação simbólica e realidade biológica.

Palavras-chave: cultura pop; ensino de biologia; epistemologia; divulgação científica.

Abstract – BETWEEN SCIENCE AND CULTURE: EPISTEMOLOGICAL DRIFT AND THE LESSONS OF CRYPTOZOOLOGY FOR CULTURAL ZOOLOGY

This essay discusses the concept of epistemological drift through the trajectory of cryptozoology, examining its shift from a scientific field to a cultural phenomenon. It argues that Cultural Zoology can benefit from this case, provided it maintains clarity regarding empirical references and distinctions between symbolic representation and biological reality.

Keywords: popular culture; biology education; epistemology; science communication.

Resumen – ENTRE LA CIENCIA Y LA CULTURA: LA DESANCLAJE EPISTEMOLÓGICO Y LAS LECCIONES DE LA CRIPTOZOOLOGÍA PARA LA ZOOLOGÍA CULTURAL

Este ensayo discute el concepto de desanclaje epistemológico a partir de la trayectoria de la criptozootología, analizando su desplazamiento de campo científico a fenómeno cultural. Se argumenta que la Zoología Cultural puede beneficiarse de este caso, siempre que mantenga claridad sobre sus referentes empíricos y distinciones entre representación simbólica y realidad biológica.

Palabras clave: cultura popular; enseñanza de la biología; epistemología; divulgación científica.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a aproximação entre ciência e cultura pop tem se consolidado como estratégia relevante para o ensino de Biologia, a divulgação científica e a sensibilização ambiental. Personagens de histórias em quadrinhos, filmes, séries e jogos digitais podem funcionar como mediadores simbólicos capazes de despertar o interesse por animais reais e conceitos zoológicos, desde que devidamente contextualizados (DA-SILVA; COELHO, 2016; 2022).

No entanto, essa aproximação não é isenta de tensões. O uso de elementos culturais como porta de entrada para o conhecimento científico implica o risco de uma desancoragem epistemológica, aqui entendida como o processo pelo qual representações culturais progressivamente se dissociam de seus referenciais empíricos, passando a operar de forma autônoma em circuitos simbólicos, midiáticos e comerciais.

Um caso particularmente elucidativo desse processo é a trajetória da criptozootologia. Conforme analisado por Hill (2026), o campo emergiu no século XX com pretensões científicas, mas, ao longo das décadas, deslocou-se para um domínio predominantemente cultural, estético e midiático, no qual os chamados

¹ Doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor e pesquisador dos cursos de graduação em Ciências Biológicas do Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: elidiomar.silva@unirio.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5241943666178242>.

“criptídeos” circulam como símbolos maleáveis, frequentemente desvinculados de qualquer compromisso com a evidência zoológica.

O presente ensaio argumenta que a Zoologia Cultural pode se beneficiar de uma leitura crítica de tal percurso. Não se trata de estabelecer paralelos simplistas ou propor uma hierarquia entre campos, mas de reconhecer na criptozoologia um caso-limite que explicita tensões inerentes à articulação entre ciência, cultura e mediação social.

ZOOLOGIA CULTURAL: ESCOPO, POTENCIALIDADES E TENSÕES

A Zoologia Cultural pode ser compreendida como um campo dedicado ao estudo das múltiplas formas pelas quais os animais – reais ou imaginados – são representados, apropriados e ressignificados nas culturas humanas (DA-SILVA; COELHO, 2022). Nesse sentido, aproxima-se de tradições consolidadas como a antropologia da natureza (INGOLD, 2000) e os estudos humano-animal (KIRKSEY; HELMREICH, 2010), ao reconhecer que os animais operam simultaneamente como entidades biológicas e construções simbólicas.

No âmbito educacional e da divulgação científica, uma das contribuições centrais da Zoologia Cultural reside no uso estratégico de elementos da cultura pop. Personagens amplamente difundidos na cultura pop, como Homem-Aranha, Homem-Formiga ou Besouro Azul, podem funcionar como dispositivos pedagógicos para introduzir temas como morfologia, comportamento e ecologia de artrópodes, desde que acompanhados de mediação crítica (DA-SILVA; COELHO, 2016). Entretanto, como alertam os próprios autores, a utilização de tais recursos exige vigilância metodológica. O chamado *technobabble* – uso de terminologia científica para conferir verossimilhança a conteúdos ficcionais – constitui um risco recorrente, podendo gerar confusão entre conhecimento validado e construção narrativa (DA-SILVA; COELHO, 2022).

Assim, a potência heurística da Zoologia Cultural está diretamente relacionada à sua capacidade de manter uma tensão produtiva entre dois polos: o referente biológico, ancorado na zoologia enquanto ciência empírica; e o universo simbólico, no qual os animais circulam como signos culturais. É precisamente essa tensão que a trajetória da criptozoologia ajuda a iluminar.

CRIPTOZOOLOGIA: DA AMBIÇÃO CIENTÍFICA À RECONFIGURAÇÃO CULTURAL

A criptozoologia foi concebida, sobretudo a partir das contribuições de Bernard Heuvelmans e Ivan T. Sanderson, como um campo adjacente à Zoologia, voltado à investigação de relatos de animais pretensamente ainda não reconhecidos pela ciência (HEUVELMANS, 1995; NAISH, 2017). A proposta baseava-se na utilização de indícios indiretos – relatos, pegadas, registros históricos – como pistas para a possível descoberta de novas espécies.

Durante parte do século XX, essa ambição não era inteiramente descabida. A própria história da Zoologia registra descobertas relativamente recentes de grandes vertebrados, como o ocapí [*Okapia johnstoni* (Sclater, 1901) – Artiodactyla: Giraffidae] (Figura 1) e o celacanto (*Latimeria chalumnae* Smith, 1939 e *L. menadoensis* Pouyaud *et al.*, 1999 – Coelacanthiformes: Latimeriidae) (Figura 2), frequentemente mobilizadas como analogias pelos criptozoólogos (LOXTON; PROTHERO, 2015).



Figura 1. O ocapi, um curioso animal cujas narrativas precederam em muito sua descoberta pela Zoologia formal. Fonte: <https://animalia.bio/pt/okapi>. Licença *CC BY 4.0 Attribution 4.0 International*.



Figura 2. Celacanto da espécie *Latimeria chalumnae*, considerado um fóssil vivo. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Comoran_Coelacanth_Latimeria_chalumnae_Comoros_Pavilion_Expo_2020_Dubai_Photo_by_Prof_Dr_Norman_Ali_Khalaf.jpg. Foto de Jaffa Falcon. Licença *CC BY SA 4.0 Attribution-Share Alike 4.0 International*.

No entanto, conforme detalhado por Hill (2026), a criptozoologia enfrentou dificuldades estruturais persistentes: ausência de critérios metodológicos consensuais, disputas internas sobre o escopo do campo e, sobretudo, a incapacidade de produzir evidências empíricas robustas que confirmassem a existência dos criptídeos. A partir do final do século XX, esse cenário favoreceu um deslocamento progressivo: os criptídeos deixaram de operar prioritariamente como hipóteses zoológicas e tornaram-se artefatos culturais altamente plásticos, integrando circuitos de consumo, identidade e expressão estética. Como observa Hill (2026, p. 7), tais entidades são hoje “figuras populares e simbólicas quase totalmente desvinculadas da zoologia científica”. Importa notar, contudo, que esse deslocamento não configura apenas um “fracasso” científico, mas a emergência de um objeto legítimo de estudo antropológico, folclórico e midiático, evidenciando a capacidade desses elementos de se reconfigurarem em diferentes regimes de análise (HURN, 2017). A criptozoologia, nesse sentido, não desaparece – ela muda de regime epistemológico.

DESANCORAGEM EPISTEMOLÓGICA E SEUS LIMITES

A partir desse percurso, torna-se possível compreender a desancoragem epistemológica não como um evento abrupto, mas como um processo gradual, no qual três dinâmicas se articulam: a fragilidade metodológica inicial, em que a ausência de critérios claros de validação e definição de objeto dificulta a distinção entre hipótese científica e especulação; as pressões midiáticas e econômicas, nas quais formatos orientados pelo

entretenimento tendem a privilegiar o extraordinário, o ambíguo e o sensacional; e, por fim, as reapropriações culturais, em que comunidades e indivíduos passam a ressignificar esses elementos em função de identidades, estéticas e experiências subjetivas.

Em termos amplos, esse processo aproxima-se do que pode ser compreendido como um deslocamento entre regimes de validação do conhecimento, nos quais entidades transitam entre domínios científicos, culturais e midiáticos, assumindo diferentes estatutos ontológicos conforme o contexto de circulação. No caso da criptozootologia, essas três dimensões convergiram para produzir um campo no qual o referente zoológico se tornou secundário. Contudo, é fundamental reconhecer que esse processo não implica necessariamente perda de relevância, mas sim transformação de natureza.

Para a Zoologia Cultural, o risco não está em dialogar com a cultura pop ou com o imaginário, mas em perder a clareza sobre o regime de verdade em que opera, entendido aqui como o conjunto de critérios que define o que é aceito como conhecimento válido em determinado contexto. Em outras palavras, o problema não é estudar criaturas fictícias ou narrativas fantásticas, mas confundir sua análise cultural com afirmações sobre a realidade biológica (Figuras 3-4).

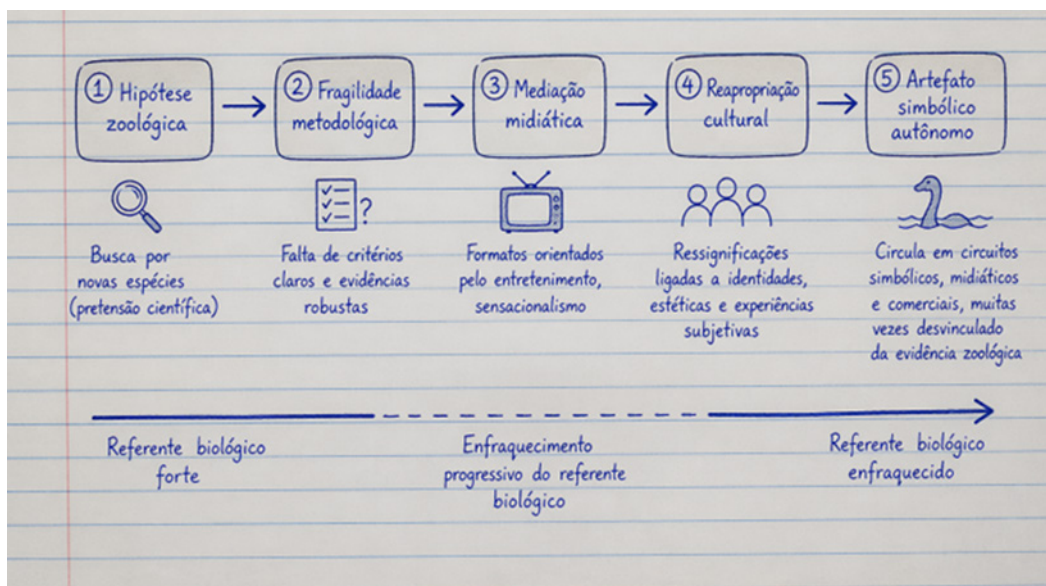


Figura 3. Esquema conceitual do processo de desancoragem epistemológica, representando o deslocamento progressivo de um objeto inicialmente formulado como hipótese zoológica para sua reconfiguração como artefato cultural e midiático.

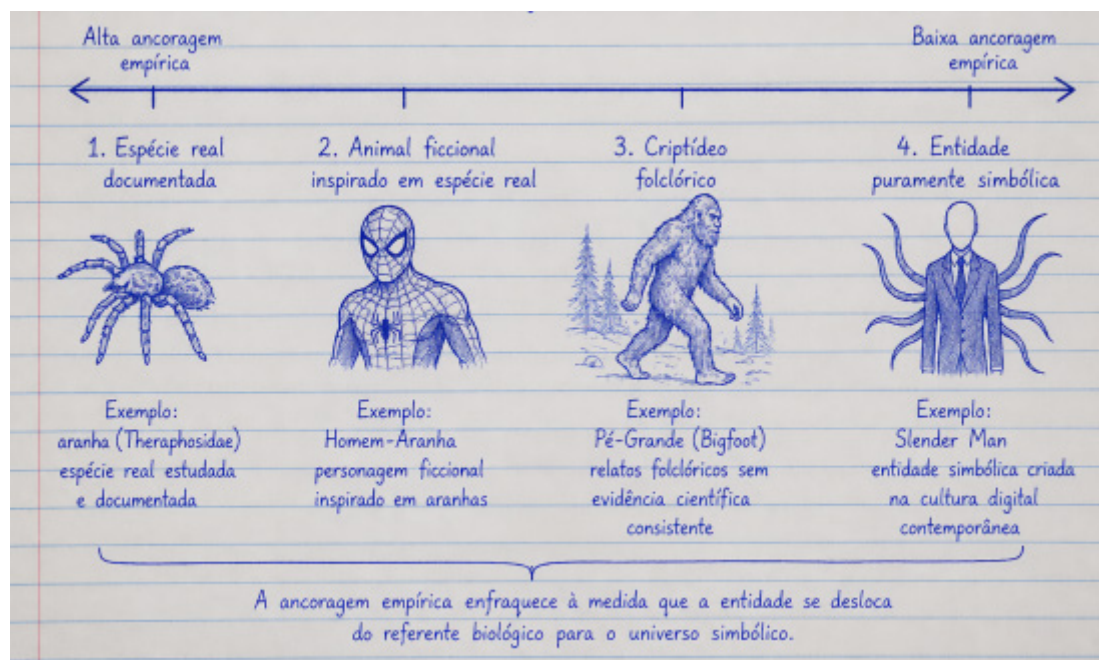


Figura 4. Gradiente de ancoragem entre realidade biológica e construção simbólica.

IMPLICAÇÕES PARA A ZOOLOGIA CULTURAL

Assim, em vez de estabelecer fronteiras rígidas, a presente análise comparativa com a criptozootologia (Tabela 1) sugere alguns princípios analíticos mais consistentes para o campo da Zoologia Cultural, especificados a seguir:

- Explicitação do enquadramento epistemológico, com a análise devendo deixar claro se está tratando de animais como entidades biológicas ou como construções simbólicas – ou, ainda, da relação entre ambos.
- Manutenção do diálogo com a zoologia empírica, uma vez que, mesmo ao abordar representações culturais, o campo se fortalece ao manter interlocução com o conhecimento zoológico consolidado, evitando a naturalização de equívocos.
- Integração com outras áreas, em que fenômenos como criptídeos, monstros ou animais míticos não devem ser excluídos, mas abordados em diálogo com a antropologia, o folclore e os estudos de mídia (HURN, 2017), reconhecendo sua natureza híbrida.
- Mediação crítica da cultura pop, com o uso pedagógico de personagens e narrativas devendo incluir a problematização explícita de seus limites, especialmente no que se refere ao *technobabble* e à verossimilhança aparente.
- Vinculação com questões concretas de biodiversidade, a partir da articulação com temas como conservação e educação ambiental, o que contribui para manter o campo ancorado em problemáticas empíricas relevantes.

Tabela 1. Comparação analítica entre Criptozoologia e Zoologia Cultural.

Dimensão	Criptozoologia	Zoologia Cultural
Objeto inicial	Animais não reconhecidos	Representações zoológicas
Referente empírico	Hipotético	Explícito
Circulação	Mídia e folclore	Ensino e divulgação
Risco	Pseudocientificação	Desancoragem
Potencial	Cultura simbólica	Educação e conservação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da criptozoologia evidencia que a circulação de animais no imaginário humano pode seguir caminhos que extrapolam, e por vezes tensionam, os limites da ciência empírica. Longe de constituir apenas um caso de “desvio”, esse percurso revela a potência cultural desses elementos e sua capacidade de adaptação a diferentes contextos históricos e midiáticos.

Para a Zoologia Cultural, o desafio não é evitar o contato com esse universo, mas desenvolver ferramentas analíticas capazes de lidar com ele sem perder de vista a distinção entre representação e referente. A desancoragem epistemológica, nesse sentido, não deve ser entendida como destino inevitável, mas como risco inerente a um campo que opera justamente na interface entre natureza e cultura. Reconhecer esse risco – e operar conscientemente sobre ele – pode constituir, paradoxalmente, não uma fragilidade, mas um de seus núcleos epistemológicos, cabendo à Zoologia Cultural não evitá-lo, mas reconhecê-lo, descrevê-lo e, quando necessário, delimitá-lo.

REFERÊNCIAS

DA-SILVA, E. R.; COELHO, L. B. N. Zoologia Cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na cultura pop. In: DA-SILVA, Elidiomar R. et al. (Orgs.). Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. p. 24-34.

DA-SILVA, E. R.; COELHO, L. B. N. Zoologia cultural e sua aplicação no ensino, na divulgação científica e na preservação da biodiversidade. In: Oliveira-Junior, José Max Barbosa; Calvão, Lenize Batista (Orgs.). Zoologia: Panorama atual e desafios futuros. Rio de Janeiro: Atena Editora, 2022. p. 15-26.

HEUVELMANS, Bernard. On the track of unknown animals. 3 ed. London: Kegan Paul, 1995.

HILL, Sharon A. Pop goes the cryptid: the evolution of cryptozoology from scientific to social. Contemporary Legend, v. 4, n. 4, p. 7-26, 2026.

HURN, Samantha (Org.). Anthropology and Cryptozoology: Researching encounters with mysterious creatures. New York: Routledge, 2017.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000.

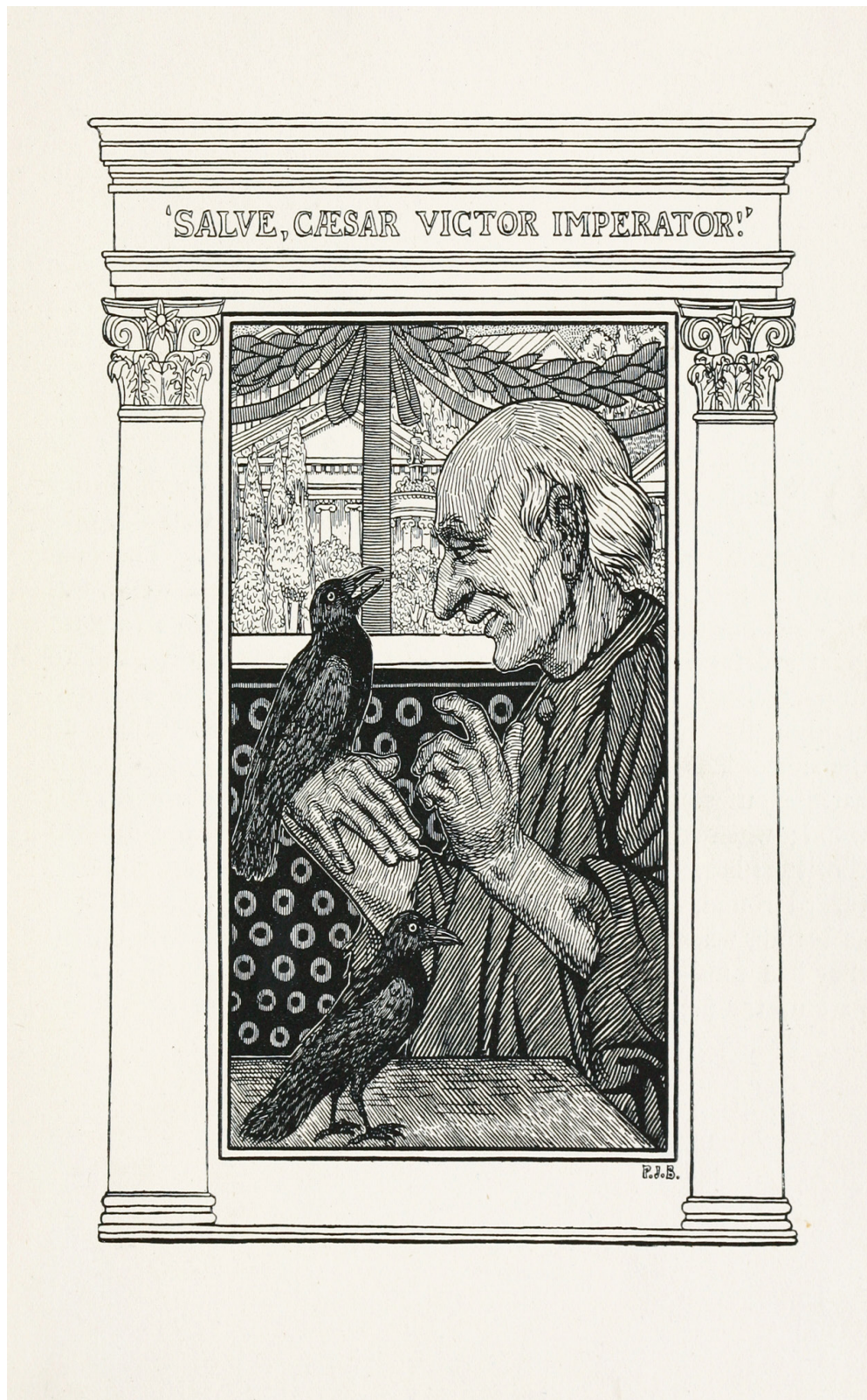
KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stephan. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, v. 25, n. 4, p. 545-576, 2010.

LOXTON, Daniel; PROTHERO, Donald. *Abominable Science!: Origins of the Yeti, Nessie, and other famous cryptids*. New York: Columbia University Press, 2015.

NAISH, Darren. *Hunting monsters: Cryptozoology and the reality behind the myths*. London: Arcturus, 2017.

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.





Microcontos

Três microcontos com o tema “MOEDA”

CENTRÃO

Ano eleitoral, o deputado quis fazer média com a base. Metade queria conservar a área verde do bairro, os demais queriam desmatar para especulação imobiliária. Decidiu na sorte: cara, salvaria bichos e plantas; coroa, apoiaria as empreiteiras. Jogou a moeda, que caiu em pé... A derrubada da mata já começou.

CAROCHINHA DO SÉCULO XXI

Ao varrer a casa, Dona Baratinha encontrou uma moedinha e ficou rica! Em vez de pensar em casar, decidiu viajar pelo mundo.

CRENDICE

O besouro entrou voando no quarto e, antes de sair, deixou uma moeda de ouro na cama. Jeremias correu até a janela a tempo de ver onde o inseto se escondeu. Porém, nem se coçou: estudioso do folclore, sabia que só os puros de alma conseguem desenterrar tesouros escondidos.

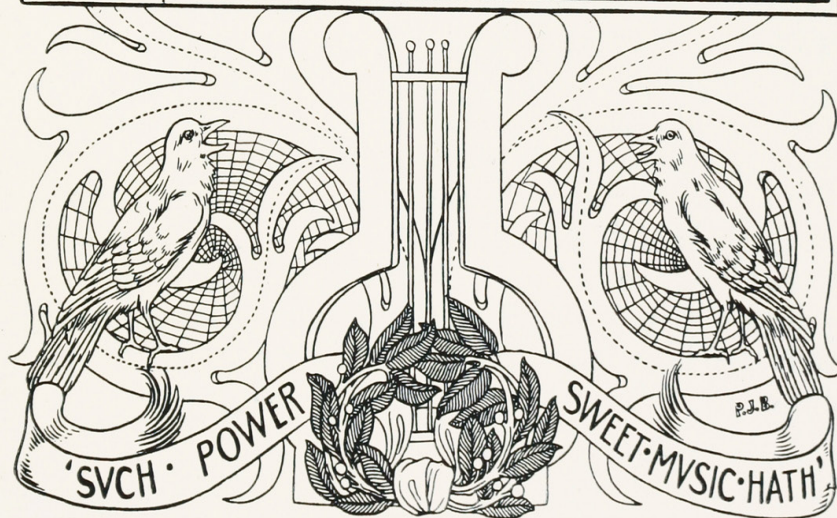
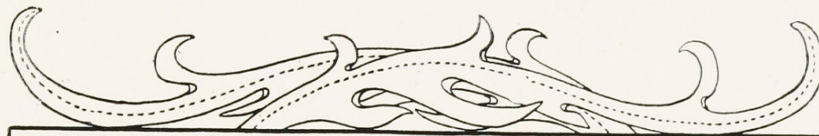
Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

@elidiomar.ribeiro

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.





Poemas

Coisas de bicho

A asa da abelha, o bico do boto,
a casa da caba, o doce dudongo,
a empáfia da ema, o frufriu do fruxu,
a graça da garça, e o hipônimo do hamster.

A íris do íbis, o jeans da jandaia,
a lã do lama, o moral da moreia,
a nuance do niala, o olfato da onça,
a pata do pato, e o queixo da queixada.

A relha da rena, o silvo do sanhaço,
a tez da tainha, o uivo do urutau,
a veste da vespa, o xale do xajá,
a zorra e o zorro...

... e o bicho homem!

Airton Vieira

Coisas de gato

Alessandro Diniz

Eu gosto de caixas, não as resisto

De todos os tamanhos e todos os tipos

Encontrei uma das grandes

Feita de papelão de reciclo

Que agora mantenho comigo

Sobre ela, deito-me e me estico

É quase como um colchão

Uma esteira para deitar no chão

Confortável e macia.

Estar em lugares altos

É algo que me é fantástico

Gosto de subir em muros

E também em árvores

Onde me sento e fico a olhar

Por cima das paredes e telhados

O sol da tarde a me banhar

Enquanto o dia se esvai no tempo ácido.

Eu gosto muito de dormir

Lá pelas altas horas da noite

No silêncio da madrugada, o convite

Descansar num gostoso pernoite

E acordar ainda de manhã

REVISTA THORZINHO - 58

Mas não demasiadamente cedo
Espreguiçar-me na cama quente
Tranquila e confortavelmente.
Eu gosto de coisas boas
Objetos de grande personalidade
Sempre que saio por aí
Presentes para minha dona eu trago
São de tipos variados e também raros
Alguns deles não podem ser comprados
Pois, em lojas não podem ser encontrados.



Alessandro Diniz

Nascido em Passa Quatro, sul de Minas Gerais. Na adolescência, começou a admirar as palavras rimadas, influenciado por um livro de poesias e trovas que seu pai possuía. Graduado em Bancos de Dados, ele é aficionado por tecnologia e computadores e apaixonado por literatura e livros. Alessandro é autor do livro de poesias “Ilusões... e outras realidades”, pela editora Verlidelas, idealizador e organizador das antologias poéticas “Minha Alma Nua” e “Intérpretes Involuntários do nosso Tempo”, ambas pela Poeta Alternativo Coletâneas. E pela Casa de Prometeu, organizou “Menos FRÁGIL que o homem”, “Seja Inspiração”, “Não se esqueça de amar-se”, “Poetisas e Poetas Poesias e Poemas Contemporâneos” e “Para cada gota de intolerância Um balde de poesia”. O autor participa ainda de várias outras antologias de diversas editoras.

Contato: <https://www.facebook.com/alessandro.diniz.779/>

Instagram: @alessandro.diniz77

Selvilização

Selva

Selvagem.

Matas

rios

vales

montanhas

verde

azul

claro

e tudo.

Flecha

cacique

índios

animais...

Homem!

Homem branco?

Máquinas

civilização

progresso

arma e fogo

amarelo

preto

escuro

e nada.

Triste rosa

Rosa
mimosa
no vale
do vento
cruenta
batida
caída
sem vida
no chão!
Caída
sem vida
no chão
batida
cruenta
estava a rosa
mimosa
sem pétalas.

In: Poeira de estrelas e sonhos, Ed. Scortecchi, 2011.

Bernardo Santos, 62, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Têm publicações em antologias, jornais, revistas impressas e digitais, além de premiações e menções honrosas em concursos literários no Brasil e Portugal. Seu último trabalho solo é o romance histórico *O aluno do Passado* (e-book Amazon, 2022). Tem colaborado com frequência na Revista Barbante.

www.bernardosantos.com.br



Beach, o Azul que Mora em Mim

Denise Camargo Lancia

Na luz da manhã que invade o lugar,

Há um peixinho beta a nadar.

Beach, tão sereno no vidro do lar,

É um azul vivo que insiste em ficar.

Seu corpo desliza num doce bailar,

Golfinho pequeno a se curvar,

Com olhos tranquilos de quem sabe esperar,

Carinha de tartaruga a me acalmar.

Mas quando a comida começa a cair,

Vira relâmpago pronto a agir,

Tubarão faminto, pronto a agir,

Um sopro de vida que insiste em fluir.

E eu, tão cansada do mundo lá fora,

Encontro em seu nado a paz que aflora,

No azul que respira, no tempo que demora,

No silêncio leve que em mim se ancora.

Beach, meu afeto de escama e mar,

Me ensina calada a não afundar,
Que a vida, tal qual seu jeito de nadar,
É só continuar... continuar.

Biografia

Denise Camargo Lancia é advogada e Especialista em Língua Portuguesa (Gramática e Uso) e em Direito de Família e Sucessões. Escritora versátil, dedica-se à produção de poesias, romances, contos e crônicas, possuindo obras publicadas e participações em diversas coletâneas literárias.

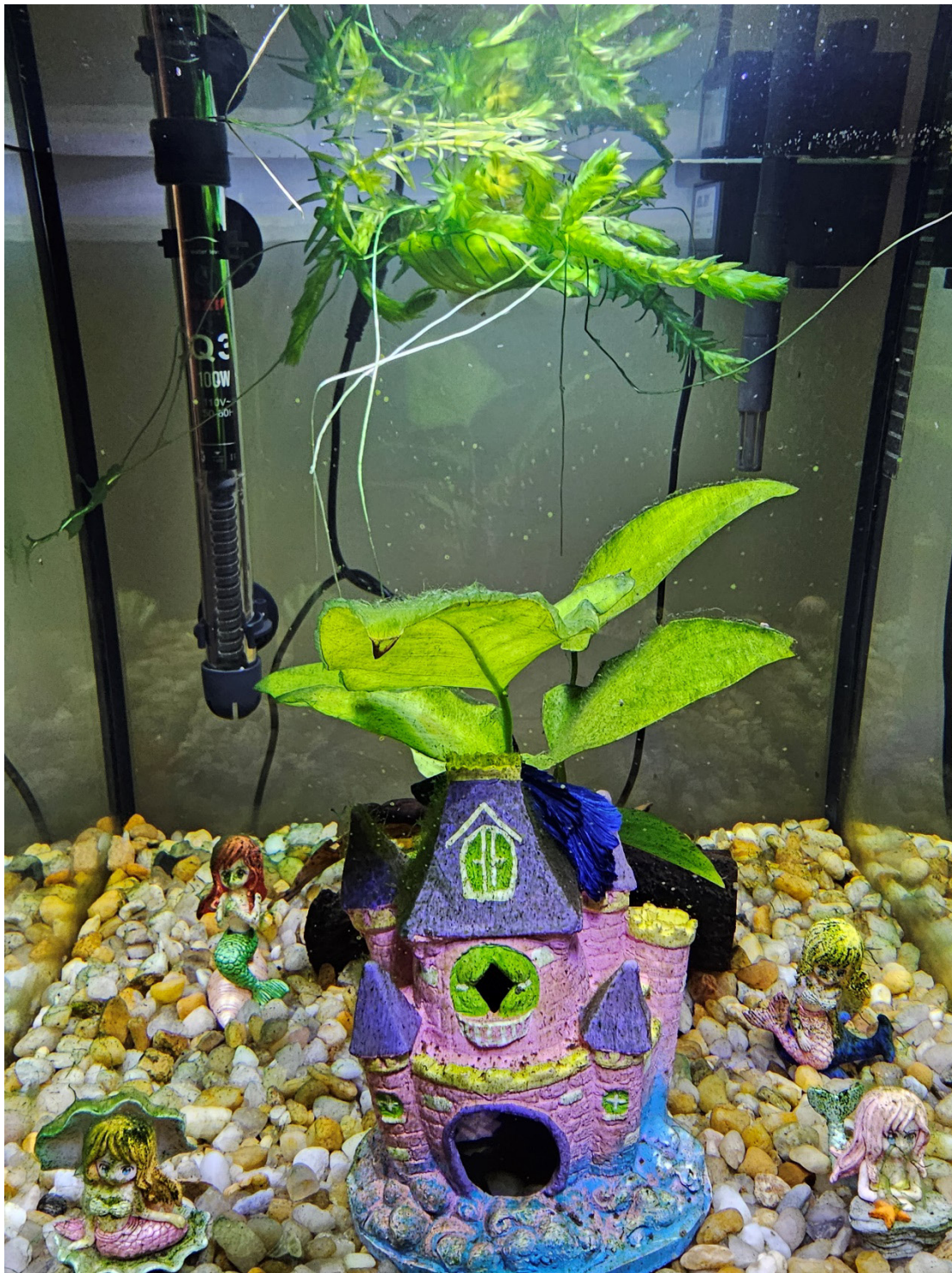


Foto da autora



PALANCA PRETA

Gente de amor e cultura no coração de África P

Pronta para partilhar a sua história algures.

Palanca negra, Palanca negra...

Bantu, Kung, Pigmeus e Vatwas.

Quatro irmãos, a mesma história

E um só caminho para a humanidade

Palanca negra, Palanca negra...

Princesa de África,

Quedas de kalandula, rio kwanza

E pedras de Pungo-a-ndongo,

Miss Angola e Miss universo,

O seu nome é Leila Lopes,

Palanca negra, Palanca negra...

Autoria: Fábio Wadyanga

Nota: Palanca Negra Gigante é uma espécie de Antílope que só existe em Angola, razão pela qual é o símbolo do país.

O Ciclo da Vida

Enquanto o oboé trina como um pássaro
O violino chora gotas de diamante num
Crescendo de ansiedade
E o cello resmunga sua erudição num canto

O piano caminha alegremente pelas notas
Que a trompa ajuda a impor
E as flautas emulam respostas ao pássaro do oboé,
como pássaros que são também

O violino improvisa junto com a viola
Um diálogo frenético de concerto
Enquanto notas e mais notas são
Espirradas pelo xilofone

E o cello responde a tudo isso
Do alto de sua nobreza
Reiterando a todos que façam
Novamente esse ciclo de vida belíssimo.

Bio:

Henrique Fernandez, é poeta e ensaísta, com vários livros publicados na Amazon. Com trajetória dedicada à análise crítica das estruturas que organizam a vida social contemporânea — trabalho, poder, educação, tecnologia, economia e suas implicações humanas, éticas e civilizatórias. É criador, no Youtube, do canal musical *Enuma Chaos* (https://www.youtube.com/@Enuma_Chaos) e também do podcast *Não Custa Pensar* (<https://www.youtube.com/@naocustapensar.podcast>), no qual amplia e aprofunda debates sobre democracia, verdade, trabalho, tecnologia e humanidade, dialogando com leitores e ouvintes interessados em compreender — e não apenas reagir — ao mundo em que vivemos.



HAIKAI



Amo bem-te-vi
Porém ele se esconde
Eu não tiro fotos

Ilmar Ribeiro da Silva
ilmarribeiro@yahoo.com.br

Sobre a autora: Ilmar Ribeiro da Silva é carioca, professora aposentada do antigo ensino primário. Lecionou na Escola Municipal Irineu Marinho, onde colaborou, por décadas, para a alfabetização de centenas de crianças.



Mimoso

Um gato muito amoroso

Assim, era meu Mimoso,

Gostava de colinho,

Sempre a espera de carinho.

Meu amigo peludo não te esquecerei

Você sabe o quanto te amei

Meu branquelo, feito algodão

Os bons momentos serão de recordação.

Fazia festa no meio de gente

Dócil, fofinho e paciente,

Era o recepcionista do salão

E fazia parte do meu coração.

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas. Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

Na foto, Mimoso, o gato da minha amiga que faleceu.



Imagem da autora:



Mi(ando)

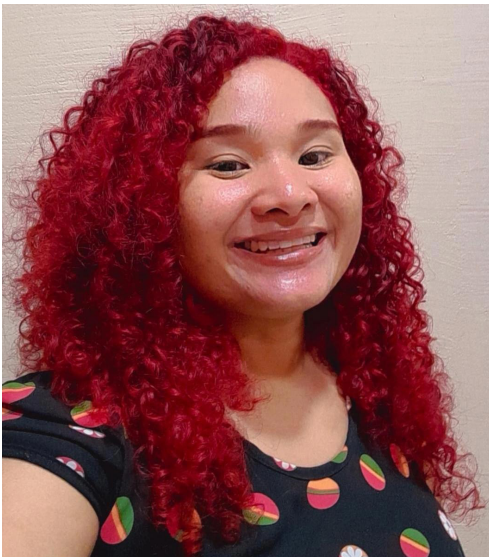
JoJo Dieira

Deparei-me com teus olhos em súplica,
Devotei-te os afagos de minhas mãos calejadas;
Nosso aconchego, o consolo da rotina,
Éramos seres distintos felizes na companhia.

Tu — Mi(ando), ao meu redor, em cortejo
Eu — Servindo-me de tua graciosa partilha
Nosso cotidiano de ronronar, bocejos e suspiros
É outro dia: ouço o miado, quando tu te afastas.

Minibiografia

Joana Dias é mestranda em Estudos de Cultura e Política (PPCult/Unifap). Atua como Coordenadora de Projetos Culturais na Editora Filartt. Sob o pseudônimo de JoJo Dieira, possui textos publicados de variados gêneros literários em diversas plataformas e antologias. É autora da obra “Favelart”.



VÁ... PASSARINHO!

Canta, canta... passarinho

Deixe o seu canto voar

Vá bem longe com o seu sorriso

Pois, não há pedras no caminho...

Apenas o seu vibrar a ressoar!

Bata as asas como um anjinho

Enaltecendo a Mãe Natureza

O seu voo espalha o encanto

Que já nasce pleno em pureza

Acolhendo os seus filhotes com uma força guerreira!

Baila por aí pequeno ser

Faça mil piruetas com a sua felicidade

Transborde em seus rasantes as gotas de superação

Sobre as montanhas da maldade...

Para que o mundo compreenda o sentido da liberdade!

Karine Dias Oliveira

Rio de Janeiro/ Nova Friburgo

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Professora e pedagoga. Pós-graduada em: Gestão Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional; Psicopedagogia Institucional; Educação Ambiental; Cultura e Literatura; e Políticas Sociais. Amante da leitura e escrita, tenho por hábito escrever histórias infantis (ilustrando-as), contos, microcontos, trovas, poesias, crônicas, etc. A escrita é a minha paz, meu refúgio e inspiração pra vida. Um sonho: ter as minhas produções publicadas em material, totalmente, autoral. Selecionada em inúmeras publicações, vencedora de concursos literários (além de menções honrosas e especiais).



Rios em dor

Karla Oliveira @catoli54

O dinheiro compra o verde e gera a guerra

O desmatamento devora a mata e o ar

Trazendo a miséria

Fazendo o sofrimento aumentar

As águas dos rios eram só festa

antes vivas eram corredeiras

Hoje choram por sua floresta

e a liberdade das cachoeiras

A miséria se assenta onde havia fartura

O desmatamento avança, a madeira desaparece

A floresta chora sua amargura

E o sofrimento do povo só cresce

Na corredeira a esperança ainda corre

Onde houve a liberdade hoje só há dor

Pois a essência da mata não morre

O rio clama por vida e por amor

Tempo e vento

Karla Oliveira @catoli54

Na roça a vida segue o seu roteiro
Em águas de um rio que se faz canção
A cachoeira acorda o dia inteiro
Trazendo a paz que acalma o coração

Nas matas o amor é verdadeiro
Onde a floresta abraça a solidão
O sapo nessas matas é companheiro
E as borboletas bailam nessa imensidão

A água mansa corre como o vento
Encontra pássaros a voar
Que dependem da lua e do firmamento
Para visitarem esse lugar

E a pintora vai traduzindo o interior em cor
A escritora dá voz ao pensamento
Nesta vida calma livre de temor
Mãos de artesã moldando o sentimento

Partes de mim
Deixadas pelo caminho
E no caminho
Caminhando vou

Karla Oliveira @catoli54

Soneto da Amazônia

Karla Oliveira

@catoli54

Nas matas onde o verde era o império
Vem o fogo em seu rastro devorando
E o que era vida vira um cemitério
A seca e o lucro vão se alimentando

Limpar o ar da fumaça
Que em vinte e seis seguiu nos castigando
Mas resta a esperança
Com a queda do mal que vem queimando

Que a Musa do Amazonas e do Tapajós
Inspire a lei que a terra enfim proteja
Pois a floresta clama em alta voz

E a vida, o nosso bem mais precioso
Faz com que o mundo a consciência veja
A mata é luta em solo generoso

A verdadeira religião

Karla Oliveira @catoli54

Tá osso, meu irmão
O mundo no fundo do poço
E você ainda me vem com sermão
Desgosto

Faz um circo pra recolher o dízimo
Dizima pessoas com preconceitos
Quando adentram o Arco sem arrimo
Dessa coisa que chama de Igreja, suspeitos

Sou mais a bela e majestosa Natureza
Que sem exigir um centavo
Sempre me acolhe com delicadeza
Apenas requer consciência e sem escravo

Estando alinhado com a natureza, essa reza natural
Tudo flui como favo, gentileza
E terá mel a vida inteira, o ideal
Sem sacrificar sua carteira

Alinhe-se a natureza
Gentileza por inteira
Sem sacrificar sua carteira

Querida bicharada

Karla Oliveira @catoli54

No olhar manso do boi

A alma reluz

No ronronar do gato

Um mistério que é só luz

No jeito do porco afeto

No piar da galinha devoção

No quintal, amor sem distinção

Pois todo Ser que Sente

Nasceu para ser amado

Ser querido por completo

Diz o mestre, em divina lição

“NÃO MATARÁS”

A vida é um sopro de emoção

Cada animal é amor incondicional

Que protege, cuida, ama de coração.

AMARÁS E CUIDARÁS

Será nosso destino

Do grande ao pequenino

Pois ninguém caminha

Quando só cuida do seu caminho

Amar a todos os animais igualmente

Boi, porco, galinha, gato e cachorro

A todos como um presente

Karla Oliveira @catoli54

Sobre a liberdade...

Karla Oliveira @catoli54

**Há um desejo, um instinto feroz
De romper o que nos mantém cativos
Mas o grito que habita em nossa voz
Resiste em medos ainda vivos**

**A beleza da nossa fragilidade
é nossa maior fortaleza
Nossos medos vão ficando fracos
E a coragem ressuscita a delicadeza**

**O que sentimos de mais feroz
Finalmente para de rosar
Para apenas existir
Somos esse contraste:
A força de um vendaval
Preso no corpo de um pássaro**

O alto da montanha

Karla Oliveira @catoli54

Lá no alto, onde o ar é difícil de respirar
o homem parou de tentar se encaixar
Não é servo, nem segue um senhor
ele agora é o dono do próprio valor
viu que as velhas regras são vazias
e parou de acreditar em falsas guias
Juntou a vontade de viver com a razão
trazendo o brilho na palma da mão
Pela força de querer, ele se faz crescer
enquanto a multidão só sabe obedecer
Aceita o destino, o riso e o cansaço
criando a própria vida a cada passo
Se tudo se repete, ele entra na dança
encara o perigo com total confiança
O Além-do-Homem é o sol que anuncia
A vida é sagrada em sua própria agonia

Rios em dor

Karla Oliveira @catoli54

O dinheiro compra o verde e gera a guerra
O desmatamento devora a mata e o ar
Trazendo a miséria
Fazendo o sofrimento aumentar

As águas dos rios eram só festa
antes vivas eram corredeiras
Hoje choram por sua floresta
e a liberdade das cachoeiras

A miséria se assenta onde havia fartura
O desmatamento avança, a madeira desaparece
A floresta chora sua amargura
E o sofrimento do povo só cresce

Na corredeira a esperança ainda corre
Onde houve a liberdade hoje só há dor
Pois a essência da mata não morre
O rio clama por vida e por amor



Uma minibiografia

Karla Oliveira @catoli54 é poeta, escritora por existência. Graduada em Pedagogia, com formação em Psicanálise e pós graduada em Filosofia, Sociologia, Psicoterapia, Neuropsicopedagogia, Neurociência, Educação especial, dentre outras especializações, enxerga as pessoas de uma forma atenta, com cuidado aos detalhes. E esse cuidado, essa delicadeza em suas observações, se traduzem na sua escrita: em poemas, contos, pensamentos e textos variados. Karla Oliveira é autora de 5 livros e de diversos textos publicado em coletâneas e revistas literárias, faz parte de coletivos de autores e foi finalista em algumas antologias literárias. Atualmente está trabalhando na escrita de um livro sobre a nossa sociedade, em outro livro de poemas, em um romance de realismo mágico e finalizando um livro infantil.

A-ni-mal

Sou um animal sentimental, al.

Gosto de pessoas.

Eu sou irracional.

De quatro patas eu sou.

Amigo dos humanos também.

Sentimental eu vou além.

Com quatro patas e um focinho

eu te conquisto.

Balanço o meu rabinho.

Vem brincar.

Seu colo é o meu lugar.

Vem vem me amar.

BIOGRAFIA:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa Brasileira. Formada Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) com patronesse Ruth Guimarães ocupando cadeira de número 39 De 2023 a 2025. Começou a escrever em seus 14 (quatorze) á (quinze) anos de idade. Ganhadora de vários títulos literários em diversas regiões, estados e municípios do Brasil e também internacional. Participa de diversos concursos literários como revistas, antologias e coletâneas. Em 2024 foi ganhadora XXI congresso brasileiro de poetas trovadores a ser realizado em venda nova do imigrante ES.

INSTAGRAM: @liecifranborgesmartins





Lourival Antonio de Carvalho Junior

Biografia Resumida:

Nascido na capital paranaense, Curitiba – onde o frio desenha pensamentos e a cidade pulsa em ritmo discreto –, Lourival de Antonio de Carvalho Junior divide seu tempo entre a precisão do cotidiano no Tribunal Regional da 4ª Região (TRF-4), onde trabalha como técnico judiciário, e a amplitude acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde cursa Relações Internacionais e lapida a compreensão para o diálogo entre cidadãos, empresas e nações. Em alguns concursos, teve participações exitosas com sonetos, entre os quais merecem ser citados “Quando passarmos mádido bosque do amor” e “O Voo do Navegador”.

Sonata ao Luar

No teclado do céu, a lua pausa
os dedos pálidos sobre o silêncio.
Cada estrela escuta — imóvel —
o primeiro acorde do vento.

A noite respira em andante lento,
rios de sombra deslizam no chão.
Um coração, distante, bate em dó menor,
lembrando amores que não dormem.

Há passos de memória na varanda,
um perfume antigo no ar frio.
Tudo é eco, tudo é espera,
como se o tempo aprendesse a ouvir.

Então a lua cresce em fortíssimo:
prata viva sobre telhados e folhas.

A alma, sem defesa, se abre
e a dor vira música.

Quando o último acorde se desfaz,
fica apenas o luar —
partitura aberta sobre o mundo,
silêncio afinado pela eternidade.

(Demétrius Antonov)

Maritime Nocturno

No cais adormecido, a lua vela

O dorso azul das águas inquietadas;

Sussurram velas rotas, nau singela,
Canções antigas, sal e madrugadas.

No farol, solitário, a chama amarela

Rasga a treva em lâminas douradas;
E o vento, em fúria branda, se revela
No choro das correntes enferrujadas.

Maré que sobe em sombras e mistérios,
Beijando a pedra fria do costão,
Traz ecos de remotos hemisférios.

E eu, náufrago de estrelas na amplidão,
Lanço ao mar os meus íntimos impérios

E afundo em seu noturno coração.

(Demétrius Antonov)

Bolhas de Sabão

Nos prados onde a luz se faz infância,
suspende o tempo em bolhas cristalinas;
— órbitas frágeis, íris peregrinas —
que a brisa embala em lânguida fragrância.

Riem os pés na relva em abundância,
e os risos soam — fontes argentinas —;
nos riachos, cintilam serpentinas

de céu líquido em móvel consonância.

— Que mundo é este? — indaga o vento leve —
se cada esfera guarda um firmamento
que nasce e morre em cada gesto breve?

Correm — e o campo aprende o movimento —;
vai-se a bolha, mas fica o sonho em neve,
eterno no fugaz encantamento.

(Demétrius Antonov)

Outonal

Sopra a brisa sutil, nova estação,
Despertando na pele um arrepio;
Vem dançar neste espaço a sensação
Do abraço que nos traz o tenro frio.

Adeus, ardor do sol, clarão insano,
Ó névoa que murmura uma promessa!
Acalma a ansiedade do humano,
Trazendo a paz àquele que tem pressa.

Enquanto a folha rubra cai ao chão,
E o pérfido presságio se desfaz,
Que a vida ganhe uma novel feição
Nas asas do frescor que o tempo traz.

Marcus Hemerly

Poema do Além-Túmulo

Daqui, a treva é densa e nada sinto,
Talvez o simulacro de um clarão;
Recordo o meu passado, já extinto,
Num eco desprovido de emoção.

No plano terreal, alma indomável,
Aqui, a solidão é quem me abraça;
Presença irrequieta, inseparável,
Que a sombra do vagante, enfim, enlaça.

Na vida, rastejamos sob as horas,
Sem o preparo exato pro momento;
Ó realidade fria e impassível!

Que vens calar o brilho das auroras,
Trazendo o golpe baço e sem alento,
Tornando a finitude apetecível.

Marcus Hemerly

MINIBIOGRAFIA

Marcus Hemerly, é natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, formado em Direito, é servidor público do Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Dr.h.c em literatura. Autor das obras solo “Verso e Prosa: Excertos de Acertos”, “Versos e Anversos”, “Alvéolos da Alma “, e coautor em antologias poéticas e de contos. É colunista de cinema, contribuindo para sites e jornais eletrônicos. Pesquisador independente de cinema, precipuamente sobre os temas “Cinema Marginal Brasileiro” e “Horror Italiano”.



MENINA DE LUZ

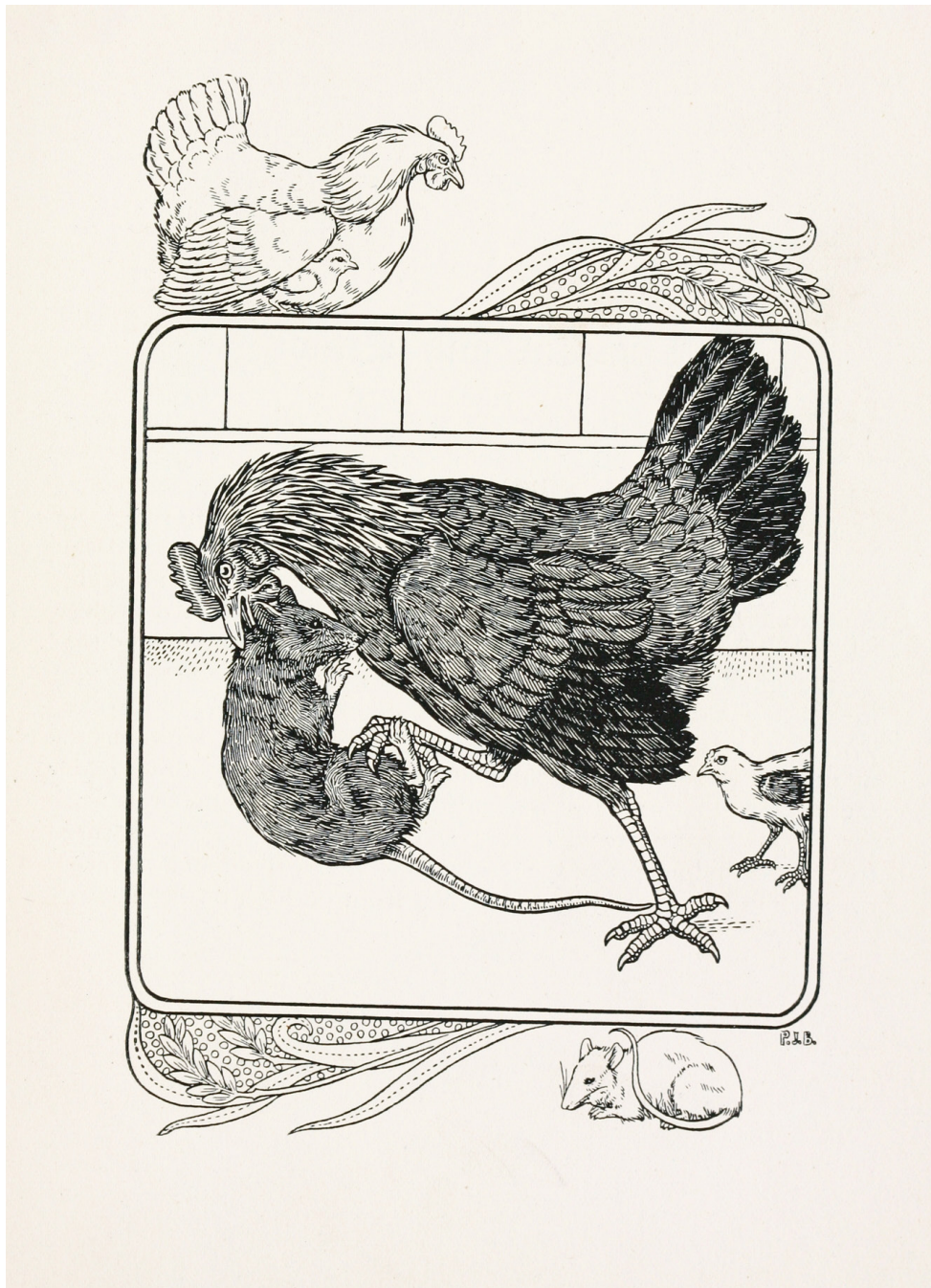
Menina vestida de lua
Sorriu para a doce estrelinha
Estrela de laço amarelo
Desenhou no céu uma linha

A linha, tão pequenina,
Em nuvem macia deitou
Menina, de olhos abertos,
De um lindo sonho acordou

Agora vestida de sol
Sente a luz abraçar novo dia
Brilha e dança sem demora
Mundo canta de alegria!

Nanda Chinaglia

@nandachinaglia.escritasou



Relatos de Experiências

MEMÓRIAS QUE EDUCAM: INFÂNCIA, ANIMAIS E HUMANIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE NO PROLEEI-RJ

Janiara de Lima Medeiros

Universidade Federal Fluminense - RJ

O 2º Encontro de Formação do ProLEEI-RJ, realizado em março de 2026 com as cursistas da turma de Belford Roxo, constituiu-se como um espaço de profunda escuta, sensibilidade e humanização, no qual as professoras foram convidadas não apenas a refletir sobre a infância como categoria pedagógica, mas também a reencontrar a própria infância inscrita em suas memórias, afetos e experiências culturais.

Ao longo do encontro, temas como memória, cultura, experiência cultural, arte, literatura e escuta sensível foram sendo tecidos de forma orgânica, promovendo um movimento formativo que ultrapassou a dimensão técnico-pedagógica e alcançou aquilo que talvez seja mais essencial na docência com as crianças pequenas: a capacidade de reconhecer a infância como território de experiência, imaginação, vínculo e produção de sentidos. Nesse sentido, compreende-se a experiência como aquilo que nos atravessa e nos transforma, constituindo-se como dimensão formadora (LARROSA, 2002).

Um dos momentos mais significativos da formação ocorreu quando as professoras compartilharam lembranças de suas relações com os animais durante a infância. Essas narrativas, inicialmente evocadas como recordações aparentemente simples, revelaram-se como potentes marcadores culturais, territoriais e afetivos, especialmente no contexto da Baixada Fluminense, onde muitas infâncias foram atravessadas por experiências profundamente ligadas à rua, ao quintal, à vizinhança, ao improvisado e às pequenas festas da vida cotidiana.

Entre as memórias compartilhadas, destacou-se com grande força simbólica a lembrança dos chamados garrafeiros, homens que circulavam pelos bairros trocando garrafas de vidro por pintinhos coloridos. Para muitas crianças, esse momento era vivido como um verdadeiro acontecimento festivo. A chegada do garrafeiro mobilizava expectativa, encantamento e desejo; os pintinhos, tingidos em cores vibrantes, surgiam como pequenas criaturas mágicas que passavam a ocupar o centro da atenção infantil. Em muitos lares, sua presença inaugurava um breve, porém intenso, ciclo de cuidado, curiosidade, apego e encantamento.

Essa lembrança, tão comum em diferentes gerações da periferia fluminense, não pode ser lida apenas como um fato pitoresco do passado. Ela revela uma forma popular de viver a infância, marcada pela invenção, pela circulação de saberes comunitários e pela experiência concreta com o mundo vivido. Como afirma Walter Benjamin, a infância se constitui na experiência sensível com o mundo, sendo as memórias elementos fundamentais na construção da experiência humana (BENJAMIN, 2011).

Outras lembranças evocadas pelas cursistas também apontaram nessa direção: galinhas criadas no quintal, passarinhos observados nas árvores, coelhos, patos, cabritos em visitas à casa de parentes, cachorros e gatos que se tornavam companheiros inseparáveis das brincadeiras, além das idas à feira, ao sítio ou à casa da avó, onde os animais faziam parte da paisagem cotidiana. Tais experiências evidenciam a infância como espaço de cultura, conforme discute Rita Ribes Pereira, ao compreender a criança como sujeito cultural que produz sentidos nas relações que estabelece com o mundo (PEREIRA, 2015).

A convivência com os animais na infância constitui-se como uma experiência formativa de grande relevância, especialmente no âmbito da Educação Infantil, por mobilizar dimensões afetivas, cognitivas, éticas e culturais do desenvolvimento humano. Diferentemente de interações mediadas exclusivamente por objetos ou tecnologias, o contato com seres vivos convoca a criança a estabelecer relações baseadas na alteridade, no cuidado e na sensibilidade.

Ao interagir com animais, a criança desenvolve a capacidade de reconhecer o outro como sujeito de existência, ainda que não humano, o que contribui para a construção de atitudes de empatia e respeito à vida. Esse processo favorece a ampliação da sensibilidade e da percepção do mundo, uma vez que a criança passa a observar comportamentos, ritmos e necessidades que extrapolam sua própria experiência imediata.

Além disso, tais vivências potencializam o desenvolvimento da linguagem e da imaginação. Ao nomear os animais, atribuir-lhes características, criar histórias e integrá-los às brincadeiras, a criança produz sentidos e elabora narrativas, ampliando seu repertório simbólico. Nesse contexto, o animal deixa de ser apenas um elemento da realidade e passa a ocupar um lugar no universo da cultura infantil.

Outro aspecto fundamental refere-se ao exercício do cuidado. Alimentar, proteger e observar os animais mobiliza na criança noções iniciais de responsabilidade, construídas a partir da experiência concreta e afetiva. Sob essa perspectiva, tais vivências também contribuem para o desenvolvimento de uma consciência ética e ecológica desde a infância.

Sob essa perspectiva, a memória da infância não se apresenta apenas como lembrança nostálgica, mas como matéria viva da formação docente. Ao narrarem suas experiências, as professoras revisitavam seus modos de ser criança, reconhecendo em si mesmas marcas de uma infância tecida por experiências culturais concretas. Esse movimento de rememoração permite compreender que ensinar crianças exige, também, não esquecer a criança que fomos.

Tal compreensão dialoga profundamente com a perspectiva de Paulo Freire, para quem a educação se constitui como prática de humanização, fundada na escuta, no diálogo e na valorização da experiência dos sujeitos (FREIRE, 1996). Nesse sentido, a formação docente não se limita à aquisição de técnicas, mas envolve a construção de uma sensibilidade pedagógica que reconhece o outro em sua inteireza.

As memórias evocadas pelas professoras evidenciam que a infância vivida permanece atuante na constituição da prática docente. Ao se reconectarem com suas experiências, ampliam sua capacidade de escuta e de compreensão das crianças com quem trabalham, reconhecendo nelas sujeitos de cultura, sensibilidade e produção de sentidos.

A presença da arte e da literatura no encontro também se articulou a esse movimento de humanização, possibilitando pausas, contemplação e abertura ao sensível. Nesse contexto, a memória deixa de ser apenas lembrança individual e passa a funcionar como ponte entre experiência pessoal, cultura coletiva e prática pedagógica.

A postagem do facebook “Quem aí não lembra da clássica frase “Trocamos garrafa, litro, garrafão, panela velha por pintinho amarelinho”, até meados dos anos 90.” Tem muito a despertar de lembranças ... <https://www.facebook.com/acarisempreacari>

Esta memória em comum despertada no encontro revelou, portanto, que a formação docente precisa

acolher o vivido, o afetivo e o cultural. Ao narrar suas histórias, as professoras produziram conhecimento sobre si, sobre o território e sobre a infância, reafirmando que formar-se docente é também um processo de construção de si.

Assim, compreende-se que o 2º Encontro do ProLEEI-RJ reafirmou a formação continuada como espaço de escuta, reconstrução de memórias e ampliação da sensibilidade pedagógica. Em tempos marcados por práticas aceleradas e normatizadas, experiências formativas como essa devolvem à docência sua dimensão mais essencial: a de ser profundamente humana.

No chão da Baixada Fluminense, entre lembranças simples e intensas, o encontro nos ensinou que a infância não cabe apenas nos documentos oficiais: ela pulsa nas histórias que carregamos, nos afetos que nos constituem e na forma como aprendemos a olhar o mundo com ternura.

Imagem: Facebook – pessoas que trocavam garrafas de vidro por pintinho



Fonte: <https://www.facebook.com/acarisemprecari>

Imagem: Kombi com anunciando troca de garrafa de vidro por pintinhos



Fonte: <https://www.tiktok.com/@antigamente80902000/video/7231316332438899973>

1. ANÁLISE: A IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM OS ANIMAIS NA INFÂNCIA

A convivência com os animais na infância constitui-se como uma experiência formativa de grande relevância, especialmente no âmbito da Educação Infantil, por mobilizar dimensões afetivas, cognitivas, éticas e culturais do desenvolvimento humano. Diferentemente de interações mediadas exclusivamente por objetos ou tecnologias, o contato com seres vivos convoca a criança a estabelecer relações baseadas na alteridade, no cuidado e na sensibilidade.

Ao interagir com animais, a criança desenvolve a capacidade de reconhecer o outro como sujeito de existência, ainda que não humano, o que contribui para a construção de atitudes de empatia e respeito à vida. Esse processo favorece a ampliação da sensibilidade e da percepção do mundo, uma vez que a criança passa a observar comportamentos, ritmos e necessidades que extrapolam sua própria experiência imediata.

Além disso, tais vivências potencializam o desenvolvimento da linguagem e da imaginação. Ao nomear os animais, atribuir-lhes características, criar histórias e integrá-los às brincadeiras, a criança produz sentidos e elabora narrativas, ampliando seu repertório simbólico. Nesse contexto, o animal deixa de ser apenas um elemento da realidade e passa a ocupar um lugar no universo da cultura infantil.

Outro aspecto fundamental refere-se ao exercício do cuidado. Alimentar, proteger, observar e interagir com os animais mobiliza na criança noções iniciais de responsabilidade e compromisso, ainda que de forma lúdica e mediada pelos adultos. Trata-se de uma aprendizagem que não se dá por imposição, mas pela experiência concreta e afetiva.

Sob uma perspectiva mais ampla, o contato com os animais também contribui para a construção de uma consciência ecológica desde a infância, favorecendo a compreensão de que os seres humanos fazem parte de um ecossistema e que a vida se constitui em relações de interdependência.

Dessa forma, as experiências com animais na infância não podem ser reduzidas a momentos pontuais ou meramente recreativos. Elas configuram-se como práticas culturais significativas que participam ativamente da formação da criança, articulando sensibilidade, linguagem, ética e pertencimento ao mundo.

2. A FORÇA DESSAS MEMÓRIAS NAS PROFESSORAS

As memórias evocadas pelas professoras durante o encontro evidenciam a potência das experiências vividas na infância como elementos constitutivos da identidade docente. Ao narrarem suas relações com os animais, as cursistas não apenas recordavam episódios do passado, mas reativavam dimensões sensíveis de sua própria formação humana.

A recorrência dessas lembranças — como os pintinhos coloridos, os animais do quintal ou os bichos de estimação — revela que tais experiências foram marcantes não por sua excepcionalidade, mas por sua intensidade afetiva e simbólica. São memórias que permanecem porque foram vividas com encantamento, curiosidade e vínculo, constituindo aquilo que pode ser compreendido como experiências fundantes.

Nesse sentido, a força dessas recordações indica que a infância vivida continua operando na prática docente atual. As professoras, ao se reconectarem com suas próprias experiências, ampliam sua capacidade de escuta e de compreensão das crianças com quem trabalham, reconhecendo nelas sujeitos de cultura, sensibilidade e produção de sentidos.

Assim, a memória deixa de ser apenas um retorno ao passado e passa a atuar como dispositivo formativo no presente, permitindo que a docência se construa não apenas a partir de teorias e prescrições, mas também a partir da elaboração crítica das experiências vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste relato evidencia que o contato com os animais na infância ultrapassa a dimensão do cotidiano ou do lúdico, configurando-se como uma experiência formativa que mobiliza profundamente a constituição sensível, ética e cultural das crianças. Ao estabelecer vínculos com seres vivos, a criança aprende, desde muito cedo, a reconhecer o outro, a cuidar, a observar e a se relacionar com o mundo de forma mais atenta e empática. Trata-se, portanto, de uma experiência que contribui significativamente para a formação de sujeitos mais sensíveis, imaginativos e conscientes de seu pertencimento ao mundo.

No âmbito da Educação Infantil, reconhecer a potência dessas vivências implica compreender que a

aprendizagem não se restringe a conteúdos formais, mas se constitui nas experiências vividas, nos afetos e nas relações que as crianças estabelecem com o ambiente e com os outros. Assim, o contato com os animais revela-se como prática cultural significativa, capaz de articular linguagem, imaginação, cuidado e ética, reafirmando a infância como tempo de experiências fundantes.

Ao mesmo tempo, as memórias compartilhadas pelas professoras no contexto formativo demonstram que tais experiências não se encerram na infância, mas permanecem vivas na constituição da identidade docente. As lembranças dos pintinhos coloridos, dos animais do quintal, dos bichos de estimação e das vivências cotidianas com a natureza evidenciam que a infância continua operando como referência sensível e formadora na prática pedagógica.

Nesse sentido, a memória assume um papel central na formação docente, não como um simples retorno ao passado, mas como um dispositivo que possibilita a elaboração crítica das experiências vividas e a ampliação da escuta sensível. Ao se reconectarem com suas próprias infâncias, as professoras fortalecem sua capacidade de reconhecer as crianças como sujeitos de cultura, afeto e produção de sentidos, o que contribui para a construção de práticas pedagógicas mais humanizadas.

Dessa forma, o 2º Encontro de Formação do ProLEEI-RJ reafirma a importância de espaços formativos que valorizem a escuta, a partilha de experiências e a dimensão sensível da docência. Em um contexto educacional frequentemente marcado por exigências técnicas e produtivistas, experiências como essa apontam para a necessidade de uma formação que integre razão e sensibilidade, teoria e vida, conhecimento e experiência.

Por fim, compreende-se que educar crianças exige mais do que domínio de conteúdos ou metodologias: exige a capacidade de reconhecer a infância como território de humanidade. E, nesse percurso, as memórias — especialmente aquelas tecidas nos quintais, nas ruas e nas pequenas experiências com os animais — revelam-se como fios invisíveis que continuam a sustentar o olhar docente, lembrando-nos que a educação, em sua essência, é também um ato de sensibilidade, cuidado e humanização.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Infância em Berlim por volta de 1900*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, 2002.
- PEREIRA, Rita Ribes. *Infância, cultura e educação*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

DO MEDO AO CARINHO: MINHA HISTÓRIA COM UM PINTINHO

Maria Luiza Medeiros Ricardo

Nova Iguaçu, RJ

Oi, meu nome é Maria Luiza e eu vou contar uma coisa que mudou muito em mim.

Quando eu era menor, eu tinha muito medo de animais. Tipo, muito mesmo!

Eu não chegava perto de cachorro, gato e nem de passarinho.

Se algum bicho chegasse perto de mim, eu já saía correndo e ficava com o coração acelerado.

Eu achava que eles iam me morder ou me machucar, mesmo quando eram pequenos.

Eu nem conseguia olhar direito, ficava com vergonha e medo ao mesmo tempo.

Mas aí, com o tempo, fui começando a observar mais.

Via as pessoas pegando os animais com cuidado, dando carinho, e comecei a perceber que eles também eram calmos.

Um dia, apareceu um pintinho bem pequenininho.

No início, eu fiquei com medo, claro. Mas ele era tão fofinho que eu fiquei olhando de longe.

Depois, fui chegando mais perto... bem devagarzinho.

E aí aconteceu uma coisa que eu nunca imaginei: eu peguei o pintinho na minha mão.

No começo eu fiquei meio travada, mas depois senti que ele era leve, quentinho e não fazia nada de ruim.

Na verdade, ele parecia até gostar.

Naquele momento, eu percebi que meu medo estava indo embora.



Hoje eu não tenho mais aquele medo de antes.

Agora eu consigo pegar, cuidar e até achar bonito.

Eu aprendi que, às vezes, o medo é só falta de conhecer melhor.

E que quando a gente tenta, mesmo com medo, a gente pode descobrir coisas muito legais.

Agora, quem diria... eu segurando um pintinho na mão!



BIOGRAFIA DO ILUSTRADOR

Percy J. Billinghamurst

English, 1871-1933

Foi um artista inglês que pintou muitos animais.



Expediente

Expediente

Revista Barbante
Vol. I - Nº 04 - 03 de maio de 2026

ISSN 3086-3961

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe

Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta

Janiara de Lima Medeiros

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Ilustrações

Percy J. Billinghamurst

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

